



Revista de  
**Pastoral**

# † EXPEDIENTE

## **Equipe Editorial**

### **Conselheiros, Editores e Revisores**

#### **Direção Geral:**

Irmã Marli Araújo - **Diretora e 1ª Secretária da ANEC**

Frei Claudino Gilz - **Diretor referencial para o Setor de Pastoral ANEC**

#### **Equipe de Editores:**

Irmã Cláudia Chesini (Editora-chefe);

Prof. Humberto Silvano Herrera Contreras;

Pe. João Batista Storck SJ

## **CONSELHO EDITORIAL**

Frei Claudino Gilz – Rede Bom Jesus – ANEC

Prof. Antônio Boeing (UNISAL)

Dom. Antônio de Assis Ribeiro (Amazônia)

Pe. Danilo dos Santos Pinto (Setor Universidades/CNBB)

Elisangela Dias Barbosa – REPAM

Guinartt Diniz Rodrigues Antunes (Mantenedoras – ANEC)

Pe. Eduardo Rocha Setor Educação CNBB

Prof. Humberto Silvano Herrera Contreras (Faculdade Padre João Bagozzi)

James Pinheiro dos Santos (Ensino Superior – ANEC)

Pe. José Alves de Melo Neto (Grupo Educacional Bagozzi)

Prof. José Leonardo dos Santos Borba (Colégio La Salle Abel)

Ir. Marli Araújo da Silva (Educandário Santa Teresinha/ANEC)

Prof. Rodinei Balbinot (Cong. Irmãzinhas da Imaculada Conceição)

Ir. Valéria Andrade Leal (Sagrado – Rede de Educação)

Prof. Saulo Vieira Cavalcante da Silva (Inspetoria Laura Vicuña/AM)

Prof. Matheus Cedric (Colégio Medianeira – RJE)

Josimar Azevedo – Belo Horizonte

Profa. Roberta Guedes – Câmara de Educação Básica – ANEC

## **COMITÊ DE AVALIADORES**

Antonio Boeing (EB/ES)

Antonio de Assis Ribeiro (EB/ES)

Elisangela Dias Barbosa (REPAM)

Humberto Silvano Herrera Contreras (ES/Setor Universidades)

Rodinei Balbinot (EB)

Saulo Vieira Cavalcante da Silva (EB) Manaus

Ir. Valéria Andrade Leal (EB)

James Pinheiro dos Santos (Ensino Superior – ANEC)

Pe. Eduardo Rocha

## **PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA**

Carlos Guilherme Alencar - Ex-Libris Comunicação Integrada

# **SUMÁRIO**

# **SUMÁRIO**

# † EDITORIAL

Juventude e superação da violência é o tema da 4ª edição da Revista de Pastoral ANEC



Tendo em vista a realização do Sínodo da Juventude em outubro deste ano, a Equipe Editorial da Revista de Pastoral ANEC definiu por abordar o tema na quarta edição da produção. De antemão, agradecemos os articulistas, que de maneira diversa, abordam em seus artigos assuntos pertinentes ao tema e, de maneira especial, apresentando a ação evangelizadora das Instituições Educacionais Católicas de nosso país.

Apresentamos uma reflexão sobre como o acompanhamento juvenil, especialmente no discernimento vocacional é um grande desafio para todos nós, através do artigo “A importância da Animação Vocacional e seus desafios, sobretudo no âmbito da Missão Pastoral com os jovens.”

Em seguida, um chamamento para a preparação e realização do Sínodo da Juventude, com questionamento: “Como a prática Pastoral da Igreja como um todo, tem pensado e agido com relação ao anúncio e serviço aos

jovens?” Algumas pistas de ação iluminam as possíveis mudanças necessária.

Através da temática, Juventude e Superação da Violência, que tem como proposta construir fraternidade, promover a cultura da paz, reconciliação e da justiça à luz da Palavra de Deus, a Campanha da Fraternidade 2018 também é abordada através de uma grande reportagem, que reflete os trabalhos idealizados nas escolas católicas de Norte a Sul do Brasil.

A Superação da Violência também é abordada em um dos artigos, pois acreditamos que “Faz-se necessária uma reflexão acerca do problema apresentado em vista de conquistas de políticas públicas que possibilitem a erradicação da violência e opressão contra a mulher”.

O Sínodo da Juventude, que abre espaço para participação e envolvimento dos jovens, também é abordado com destaque para a participação de jovens brasileiros que representam a Educação Católica Brasileira nos trabalhos realizados fora. Segundo o Papa Francisco, esses jovens são a esperança para toda a humanidade.

Na sequência, um artigo de quem conhece os jovens e também a história da juventude no Brasil. Como articulista, Padre Hilário Dirk reflete sobre a figura do Papa e a relação dele com a juventude. Entre tantas realidades, nós acreditamos que enfrentar a exclusão e superar a violência é possível a partir de práticas que permeiam os caminhos das salas de aulas e chegam aos que mais necessitam de nossa solidariedade. De maneira concreta, compreendemos que, como diz a articulista Edilaine Vieira, em seu material, precisamos nos unir para que a aplicação do Evangelho seja feita de forma correta. Promover e partilhar trabalhos em equipe são sinônimos de sucesso nessa empreitada.

E para nossos leitores, também apresentamos sugestões de livros sobre temáticas importantes. Um deles nos auxilia a ampliar a compreensão da inclusão. E no outro, da Editora Paulus, uma apresentação sobre orações básicas do cristão e sugestões para momentos devocionais. São leituras que valem a pena.

Agradecemos cada autor e cada entrevistado que contribuiu para elaboração dessa revista e fazemos votos de uma excelente leitura!

**Ir. Cláudia Chesini**

Editora-Chefe da Revista de Pastoral ANEC

# † ARTIGO

## Juventudes, Pastoral e os Desafios da Animação Vocacional



**Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa, FMS**

### RESUMO

O artigo reflete a importância da Animação Vocacional e seus desafios, sobre tudo no âmbito do trabalho pastoral com os jovens. Reconhece a Igreja como um dos lugares privilegiados para o caminho do discernimento vocacional e aponta reflexões acerca do acompanhamento dos jovens no âmbito pastoral.

Outra perspectiva inserida no texto como pano de fundo, é despertar nos pastoralistas da Igreja ou de qualquer outro ambiente que eles também são chamados a ser animadores vocacionais, acompanhadores dos jovens e testemunhos de fé.

### PALAVRAS-CHAVE

Animação vocacional, discernimento, juventudes.

---

Realizar Animação Vocacional, implica numa grande responsabilidade para quem acompanha, pois estamos lidando com uma ação pastoral cuja principal finalidade é contribuir nas opções de vida que as pessoas buscam. Se a Animação Vocacional tem em sua finalidade o despertar, discernir e acompanhar dos jovens podemos dizer que existe um caminho desafiador a ser percorrido, pois como pastoralistas somos chamados a contribuir com os jovens neste caminho da opção de vida.

Compreender que a Animação vocacional é “um chamado a vida” interpela a necessidade de desenvolver um caminho de discernimento que pode ser desafiador para qualquer ambiente de missão seja, dioceses, paróquias, colégios, escolas etc. Por esta razão, é importante compreender o sentido de atuar com Animação Vocacional.

Podemos recordar como iluminação o Evangelho de Lucas 24, 13-35, Jesus nos mostra o passo a passo para desenvolver um trabalho de Animação Vocacional. Inicialmente, Ele se aproxima dos discípulos, tem desejo de conhecê-los, com paciência faz o grande exercício de escuta, corajosamente questiona-os e no momento certo, assume o compromisso de caminhar com eles.

Jesus, reconhece que o processo de Animação Vocacional exige um nível de intimidade na relação, por isso, senta à mesa, partilha o pão e aí acontece a revelação. Este é o passo a passo para o trabalho com Animação Vocacional, eis que um dos desafios é fazer esta travessia, rompendo as barreiras dos pré-conceitos e “sair” ao encontro dos jovens como nos estimula o Papa Francisco.

Para isso é fundamental e necessário que entendamos a realidade juvenil atual, cercada de novidades. Este entendimento exige do/a animador/a vocacional vivência nas realidades, compreensão de diferentes contextos, análise

de casos, e sobretudo disposição pessoal para vivenciar uma experiência de acompanhamento. Jesus, no caminho de Emaús, ajuda-nos a pensar se estamos dispostos a nos aproximar dos jovens, caminhar com eles, escutá-los, questioná-los, respeitá-los, comungar com eles e compartilhar valores da vida. São questionamentos que ajudam a vivenciar um profundo caminho de descoberta vocacional com os jovens dos tempos atuais. Eis que este processo não é fácil de ser realizado, porque nos desestabiliza, nos desafia.

Reconhecer a realidade juvenil como um espaço privilegiado para o desenvolvimento vocacional é uma atitude sábia para o animador vocacional. Diante desta reflexão inicial é que aponto algumas perspectivas relacionadas aos desafios em nossa missão de animar as vocações.

### **CUIDAR E VALORIZAR O SENTIDO DA PRÓPRIA VOCAÇÃO, REENCONTRAR SEMPRE O PRIMEIRO AMOR**

Quando refletimos sobre a opção de vida, tocamos no tema das escolhas que muitos de nós fazemos. Fazer opção na vida é uma ação muito séria, que muda todo o rumo da nossa história. Aqueles/as que optam pelo seguimento de Jesus por meio de uma vocação específica na Igreja, (vida laical, matrimonial, religiosa ou sacerdotal), está comprometido a dedicar sua vida a serviço do Reino de Deus, e sabe que este caminho é bem desafiador.

O caminho de anúncio do Reino implica na responsabilidade do testemunho de vida que tem o desafio de equilibrar as dimensões pessoais, e institucionais. No âmbito pessoal, o amadurecimento da fé, o equilíbrio psíquico, emocional, relacional espiritual e cultural são constantes. No âmbito institucional, o desafio de ser instituição, de estabelecer relações com os/

as outros/as, de cumprir princípios e normas apresentados na instituição, a forma como vivemos os mesmos e como nos comprometemos com eles.

Fazer uma escolha vocacional, por tanto, é um caminho de coerência e de responsabilidade. Coerência entre o dizer e o fazer e responsabilidade pela vocação vivida. É importante que o sujeito viva uma experiência de conversão pessoal que o impulsione a dizer sim e viver com intensidade.

O livro *A Teologia da Vida Consagrada*, fala sobre a conversão do coração. Segundo ele "Basicamente, a conversão do coração é o movimento de um estado de pecado para um estado de graça. É uma opção por deixar um estado de coração de pedra por um estado de coração de carne, com a intenção de viver a consagração com mais intensidade". (Kearns, 1999. p.92)

A opção para servir a Igreja em qualquer vocação específica tem seus desafios, mas também suas belezas, se encontra isso na vivência em comunidade, na experiência de missão e na entrega a serviço dos mais pobres, dos marginalizados, dos menos favorecidos. O passo de chegar a esta opção tem a ver com encanto, com identificação, com atração, isso faz com que a pessoa chegue ao ponto de ter coragem de seguir em frente, buscar, e viver profundamente o que se encantou.

Eis o grande desafio: entender que este encanto precisa ser cultivado, precisa ser regado no amor, precisa ser estimulado a crescer. Porque em muitas situações, o ativismo da vida, a correria dos afazeres do dia a dia nos fazem esquecer das primeiras motivações, dos primeiros sentimentos que motivaram a pessoa a seguir com esta opção. Uma forma de viver este desafio é valorizar a opção que se fez e cultivá-la, dando sentido, cuidando de si mesmo, e ao mesmo tempo se desafiando a renovar a cada dia nesse mistério do sim verdadeiro, consciente e maduro.

## COMPREENSÃO DO CONTEXTO E REALIDADE JUVENIL

Como refletimos no início, é importante compreender o contexto e a realidade juvenil, justamente porque é nesta realidade que brota a vocação. De fato, como anunciadores do Reino e seguidores de Jesus precisamos estar junto às juventudes, este desafio é cada vez mais evidente e concreto na realidade atual. O próprio Papa Francisco nos alerta por meio de sua Carta Apostólica em preparação ao Sínodo dos Bispos. Intitulada "*os jovens, a fé e o discernimento vocacional*" a Carta nos provoca a uma presença significativa, profética e atuante entre os jovens.

"Várias pesquisas mostram como os jovens sentem a necessidade de figuras de referência próximas, creíveis, coerentes, honestas, bem como de lugares e ocasiões nos quais colocar à prova a capacidade de relação com os outros (adultos ou coetâneos) e afrontar as dinâmicas afetivas. Buscam figuras capazes de exprimir sintonia, encorajamento e ajuda para reconhecer os limites, sem fazer pesar o juízo". (Papa Francisco em Sínodo dos Bispos, 2017. p 25)

O fato é que o desafio do distanciamento das juventudes nos aproxima cada vez mais da falta de vocações para a Igreja. Quando a opção pela vocação específica é de qualidade, certamente desperta desejo curiosidade do outro em relação a mesma. Portanto, o apelo do Papa é que saíamos dos nossos "grandes muros", saíamos do nosso comodismo, da nossa preguiça, da nossa falta de consideração pelos jovens. E entre eles, saibamos dar testemunho da nossa opção, saibamos conduzir com amor nossa presença, cativante e

arrastadora, cheia de sentido. Saibamos atrair os jovens para seguir Jesus, por meio do nosso testemunho.

A crise de vocações está relacionada a este contexto, precisamos estar presentes e não é qualquer presença, precisa ser de qualidade, de envolvimento, de compromisso e sobretudo que desperte os jovens a perceberem também sua missão.

É necessário cativar muitos jovens que possam atualizar e renovar o ser Igreja a partir do contexto de hoje, para tanto, precisamos ter coragem, seguir em frente e sermos sinais de esperança na vida deles. Esta coragem nos impulsiona ao exercício da criatividade que nos torna uma presença diferenciada, inovadora, aberta e sinal vivo de possibilidades de escolhas para muitos jovens da realidade atual. Este exercício é fundamental, pois junto aos jovens podemos viver um novo modo de ser Igreja.

Para vivenciar em profundidade um caminho na Animação Vocacional é necessário que se tenha tempo, tempo suficiente para viver um profundo itinerário, onde o/a vocacionado/a tenha possibilidade de pensar dimensões e valores fundamentais a sua vida e também tenha consciência, maturidade e coragem para viver um projeto de vida.

Um grande desafio para os/as pastoralistas nos tempos atuais é desenvolver um itinerário vocacional que seja dinâmico, com atividades e experiências significativas contendo valores, discutindo temas, vivenciando dinâmicas, refletindo textos bíblicos, focando no projeto de vida, com tempo especial que proporcione ao vocacionado/a vivência intensa de todos os processos planejados. Como nos diz José Lisboa,

Os passos da Animação Vocacional revelam a necessidade do itinerário vocacional. O acompanhamento

vocacional das pessoas chamadas realiza-se ao longo de um caminho e não pode ser fruto de um momento isolado de decisão. Este caminho se desenvolve por etapas, permitindo que, aos poucos, o vocacionado ou a vocacionada tomem consciência da vocação e se abram para a missão. A fidelidade ao itinerário vocacional facilita uma visão mais realista do processo vocacional e possibilita o desenvolvimento sadio das capacidades, dos dons pessoais, dos carismas, levando a pessoa a seguir firme na direção do ideal a ser cada vez mais abraçado. (Lisboa, 2003 p. 83)

Para quem atua na Animação Vocacional é importante compreender este universo pelo qual percorremos, é fundamental sobretudo, comungar da necessidade de vivenciar etapas, como: despertar, discernir, cultivar e acompanhar. Estas etapas sinalizam a importância de um itinerário, suas etapas e a profundidade com a qual cada uma deve ser aprofundada. O itinerário deve ser capaz de apontar caminhos para o/a vocacionado/a, capaz de refletir o sentido da vida, a importância das escolhas, a responsabilidade pelo que se deseja e o compromisso em construir um projeto pessoal de vida.

O itinerário, por tanto, nos desafia como animadores vocacionais a junto dos jovens assumirmos o compromisso de acompanhá-los, acompanhar significa fazer caminho significativo e de profunda busca. É neste sentido, que se torna importante a elaboração de um projeto pessoal de vida, elemento fundamental no qual os/as vocacionados/as vão sinalizando dados fundamentais em relação a história pessoal, sua subjetividade e também seus desejos futuros.

## GESTÃO E CONDUÇÃO DOS PROCESSOS

Para trabalhar com animação vocacional é necessária uma boa prática de gestão, ou seja, exige uma significativa organização na forma de trabalhar. Toda organização tem uma estrutura a ser pensada, o que vai exigir mobilidade, investimento, técnica, prática profissional, estratégias, metas, objetivos e organização de equipe. O desafio para as instituições religiosas assim como para a Igreja está justamente em compreender que a organização técnica é necessária, ou seja, não se faz mais Animação Vocacional sem uma estrutura pedagógica, financeira e organizacional que garanta acompanhamento sistemático de todos os processos.

Um primeiro passo para garantir esta organização é pensar em uma pessoa que possa estar totalmente disponível a este serviço, por isso, é fundamental antes de tudo analisar se existe condições de disponibilizar uma pessoa que possa ser a liderança principal, o/a responsável para encaminhar as demandas e responder pela Animação Vocacional. Essa pessoa deve ter perfil adequado e consequentemente consciência de sua missão, por esta razão, aponto algumas qualidades importantes:

- **Disponibilidade:** deve estar totalmente liberado/a e nomeado/a pelo seu superior (coordenador) para atuar na Animação Vocacional. Esta disponibilidade garante que a pessoa tenha tempo para pensar elementos fundamentais ao seu trabalho, tais como: organização da equipe, construção de um plano de animação vocacional e o formato de acompanhamento dos/as vocacionados/as.

- **Capacidade de encantar outras pessoas:** pessoa que tenha bom relacionamento, que seja, próximo dos outros e saiba dialogar mesmo com os desafios geracionais e culturais.

- **Estabelecer parceria com outras instituições:** é aquele ou aquela que se insere nos processos em nível eclesial, tem conhecimento do que a Igreja está realizando na dimensão vocacional, se envolve e analisa as possibilidades de parcerias, seja com a igreja seja com outras congregações religiosas.

- **Atenta às realidades juvenis:** é um pesquisador desta área, busca conhecimentos relacionados às juventudes, gosta dessa área e tem paixão pelos jovens, pensa sobretudo, em processos pelos quais os jovens podem passar no acompanhamento vocacional.

- **Feliz em sua vocação:** o/a coordenador de Animação Vocacional dá testemunho de sua opção de vida, ele/ela é feliz na escolha que fez, vive com intensidade sua vocação.

- **Capaz de conduzir processos:** tecnicamente, o coordenador deve ter noção de gestão, se por acaso não tiver a instituição pode lhe garantir que desenvolva um processo de formação para este fim. Pois com o desafio de coordenar pessoas e processos é fundamental que a pessoa tenha habilidade em gestão, capacidade de conduzir caminhos e liderar pessoas.

- **Encantamento pela Animação Vocacional e carisma:** é necessário que aquele que está coordenando a AV goste do que faz, se identifique e tenha paixão pelo desafio de acompanhar as vocações.

- **Responsabilidade:** o Animador vocacional, assume a responsabilidade por todos os processos, os que estão numa instância louvável, sendo feitos com esmero, e até mesmo os que não estão bons, lhe dando a possibilidade de avaliar e recomeçar o acompanhamento. Neste sentido, podemos pensar no que pode ser fundamental para a construção de um trabalho estratégico com animação vocacional. No âmbito da construção de uma cultura vocacional, o coordenador precisa estar atento para o fato de que ele não

está caminhando sozinho, existe um grupo pelo qual ele pode contar e que lhe deve ajudar no acompanhamento local.

Para tanto, deve buscar um substrato teórico no qual fundamente o seu trabalho, podemos chamar este material de **diretrizes ou orientações**, no mesmo, se estrutura a base do todo, apontando dimensões teóricas, práticas. Para assegurar e fundamentar a ação do coordenador e equipe vocacional.

Outros materiais fundamentais são o **Plano de Animação Vocacional**, o **Itinerário** e o **Planejamento de Ação**, conforme a relação abaixo:

- **Plano:** documento referencial para todas as comunidades. Com a função de orientar, assegurar toda a proposta e dinamização e todos os trabalhos da Animação Vocacional. O plano deve apresentar a dimensão teórica e a dimensão prática, claras, objetivas e concretas de todo o processo.

- **Itinerário:** percurso que se deseja fazer com os vocacionados. Projetos, ações, atividades concretas. Deve ser claro para o animador vocacional e também para o vocacionado. Nele contém de forma prática tudo que se deseja realizar no caminho vocacional, levando em consideração a realidade da congregação e o contexto juvenil, considerando as orientações do plano.

- **Planejamento de Ação:** material exclusivo para quem acompanha os processos nas instâncias provinciais, regionais, locais. Define cronograma de acompanhamento e coloca em prática o que o plano e o itinerário exigem.

Tendo clareza e ciência de todo este caminho é importante a construção de uma equipe, que pode ser referendada também pela liderança maior. A equipe ajuda e acompanha todos os projetos e processos, junto ao coordenador geral. Por isso, aponto também

algumas dimensões necessárias na identidade desta equipe:

- Junto ao coordenador, conduz todos os processos;
- Reflete a possibilidade junto as instâncias maiores dando força de prioridade à animação vocacional;
- Responsabiliza-se pela elaboração de um plano de animação vocacional;
- Cria um itinerário de animação vocacional;
- Pensa subsídios que possam fortalecer o processo vocacional;
- Pensa projetos e ações adequadas ao caminho vocacional;
- Estabelece critérios de acompanhamento para os animadores vocacionais;
- Cria estratégia e articula como serão vivenciadas;
- Define os objetivos, metas e o prazo a cumprir;
- Organiza encontros maiores que fortaleçam os processos vocacionais locais;
- Conhece e estuda as realidades locais em relação a animação vocacional;
- Visita as bases e motiva os animadores vocacionais locais;
- Garante acompanhamento e fidelização dos processos vocacionais.

Um passo importante e fundamental no trabalho desta equipe é a construção do mapeamento de realidade, cujo objetivo principal é saber em que chão está pisando. Com quem se pode contar? Que implicações financeiras aparecem? E que ações já existem nas realidades? Para isso, o roteiro do mapeamento, segue como um elemento fundamental ao iniciar um processo técnico de gestão em Animação Vocacional.

- As perguntas abaixo são fundamentais para construção do mapeamento:

- Quais são os lugares onde estamos presentes?

- Quais desses lugares temos possibilidade de iniciar um grupo vocacional?
- Qual é o perfil da juventude deste lugar?
- Que valores e temas, seriam importantes trabalhar na Animação Vocacional neste contexto? Tendo em vista as etapas vocacionais e o sentido de cada uma dentro do itinerário.
- Existe uma pessoa que pode ser a responsável local? Quem?
- Existe possibilidade de construir uma equipe local?
- Definir de que forma caminhará o itinerário vocacional da instituição.
- Que elementos, materiais podemos usar neste itinerário para ajudar as equipes locais?

Portanto, acreditar que o trabalho vocacional pode ser um bem para a Igreja e para as instituições religiosas exige de nós esforço para garantir que as demandas sejam bem estruturadas e apresentem resultados satisfatórios. É importante uma nova forma de atuação pastoral, criativa, dinâmica, iluminadora, esperançosa que tenha fundamentos concretos neste caminho. Isso potencializa e ajuda a recriar uma nova forma de ação com a Animação Vocacional nos tempos atuais.

## CONCLUSÕES

A reflexão ajuda a compreender que na realidade os desafios são bem mais complexos, eles existem e estão acontecendo em todos os momentos. Necessitam sobre tudo, de um olhar crítico, analítico, capaz de entendê-los e com tudo vive-los no dia a dia.

Os maiores desafios estão em renovar todos os dias o nosso encanto, o nosso brilho no olhar e testemunho, além da nossa paixão e seguimento de Jesus, que se torna coragem e profecia por meio de nossa vivência da própria vocação. A capacidade de organização depende muito do que se deseja enquanto instituição com Animação Vocacional, quando se foca e se torna

prioridade por todos, certamente o trabalho passa a ter resultados qualitativos e eficazes para a Igreja e para a própria instituição.

É fundamental garantir dentro de todo o processo de acompanhamento aspectos humanos e teológicos, sempre em diálogo, justamente porque a Animação Vocacional deseja inicialmente tocar na essência do ser humano e perceber como se dá a manifestação e presença de Deus nesta causa. É necessário olhar a dimensão humana no processo vocacional, no entanto, é primordial, essencial e inegociável perceber de que forma Deus se revela na dimensão humana.

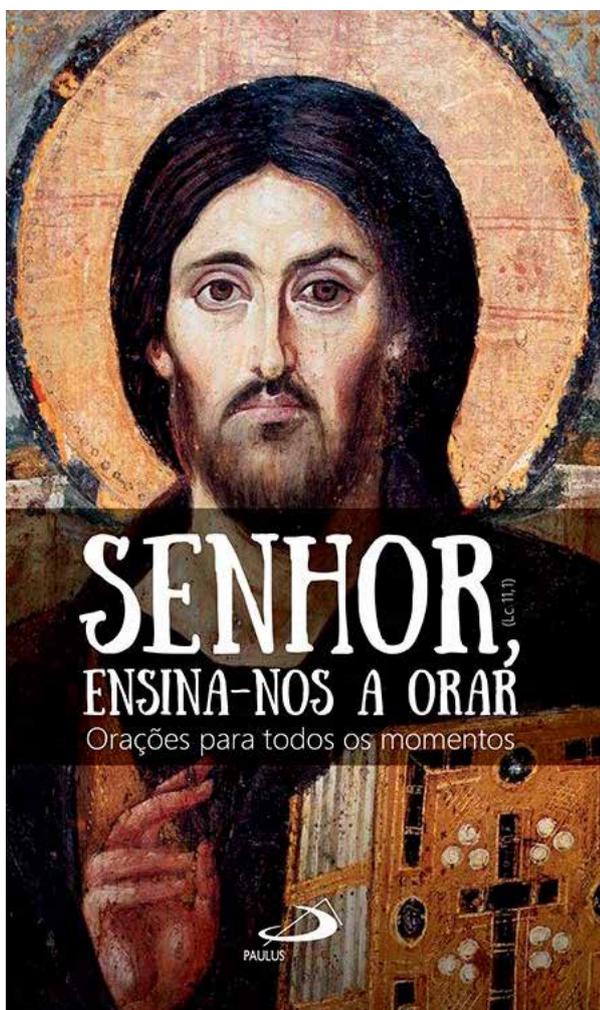
## QUESTÕES PARA REFLETIR

- Tendo em vista a organização e estruturação da Animação Vocacional, como você percebe a mesma em sua realidade? Quais desafios e belezas pode destacar?
- Dos inúmeros desafios refletidos no texto, qual você destaca? Faça um paralelo do mesmo com sua realidade.
- Ao refletir a importância do compromisso, como avalio o nível do meu compromisso com a Animação Vocacional? De que forma contribuo para uma organização técnica e estratégica onde vivo minha missão?
- Levando em consideração a reflexão acerca da equipe, como você avalia o trabalho de equipe e como se sente ao atuar em um grupo?

## REFERÊNCIAS

- KEARNS, Lourenço, a teologia da vida consagrada / Lourenço/Kearns, Aparecida/SP. Editora Santuário. 1999. (coleção claustro,4)
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira, evangelho da vocação: dimensão da evangelização. Ed Layola, São Paulo, 2003.
- Coleção MAGISTÉRIO, papa Francisco. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, papa Francisco; Sínodo dos bispos, 1ª edição, 2017

# † ESTANTE



## **Senhor ensina-nos a orar:** orações para todos os momentos

*Claudiano Avelino dos Santos e  
Mário Roberto de Mesquita Martins*

.....

### **SINOPSE**

Ensina-nos a orar é um livro com orações para diversas ocasiões da pessoa e da família católica. Assim, a obra traz as orações mais tradicionais da Igreja, salmos para orar em diversas circunstâncias, orações aos santos, orações na luta contra o mal. É um livro para ajudar os fiéis a tomar consciência da presença de Deus em suas vidas.

# † NOTÍCIAS

Campanha da Fraternidade de Norte a Sul do Brasil



---

Das ações transformadoras na região sul à força dos projetos no norte do país, o Brasil foi tomado pelo sentimento de paz cultivado para a Campanha da Fraternidade (CF) 2018. Este ano, a partir do tema “Fraternidade e superação da violência”, a Campanha busca a valorização do ambiente saudável, reconciliações, justiça e a cultura de paz.

Coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a CF tem o objetivo de despertar a solidariedade dos fiéis e da sociedade em relação a problemas enraizados da sociedade. O evento é sempre iniciado na quarta-feira de cinzas, no período da Quaresma e a época é destinada a prática da oração e o jejum. O momento ideal para o estímulo aos caminhos de ações transformadoras.

O lema “em Cristo somos todos irmãos” (Mt 23,8) explicita em que direção se busca a transformação. A igualdade dos seres, o fortalecimento dos laços fraternais, a reconciliação de contendas e, principalmente, o exercício da não violência são conceitos reforçados na conduta cristã, que podem ser aliados para a construção da cultura de fraternidade e paz.

De acordo com dados do Monitor da Violência - parceria entre o Portal G1, o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil teve 59.103 pessoas assassinadas no ano passado, com um aumento de 2,7% em relação ao ano anterior. O número de homicídios e de lesões corporais seguidas de morte também apresentou crescente. Para ficarmos em alerta quanto essas questões, é necessário desenvolver na sociedade um sentimento de amor, companheirismo e acima de tudo, fé. Por este motivo, a temática da Campanha da Fraternidade 2018, tem, entre tantas missões, a de apresentar à crianças e adolescentes que é possível um mundo mais justo, seguro e igualitário.

A reflexão vem à tona a partir da percepção nas falhas das condutas sociais. Está enraizado na sociedade pós-moderna, atentados contra a honra, discriminação social e racial, violência doméstica e urbana. Para diminuir situações tão alarmantes, precisamos nos lembrar dos pensamentos de São Francisco de Assis que pontua sobre como qualquer ser humano pode ser um “instrumento da paz”.

## **CAMPANHA DA FRATERNIDADE – DE NORTE A SUL DO PAÍS**

Inspirar e estreitar os laços entre as pastorais e instituições de ensino junto à comunidade. Esse é o principal objetivo da Campanha da Fraternidade no Espírito Santo, que se baseia no Documento da Conferência dos Capuchinhos do Brasil (CCB) para orientar alunos e gestores educacionais sobre tutela de crianças, adolescentes e idosos vulneráveis. Durante todo o primeiro semestre de 2018, palestras e debates sobre os temas estreitaram ainda mais a relação com a sociedade capixaba, com o intuito de despertar a atenção individual de cada um para os temas propostos.

Segundo Marilson da Costa, assessor de pastoral universitária da Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA) no Espírito Santo, debates são importantes para fortalecer relações e também ensinar. “Em todas as nossas conversas buscamos sempre colocar o jovem como protagonista e direcioná-lo no caminho certo. É o nosso papel como educadores e cristãos. Trabalhar o exercício da cidadania e deixar de lado os relacionamentos fragmentados”, aponta Marilson.

E a prática tem dado certo. Há 10 anos, a ESFA desenvolve, além dos seminários e conversas, o projeto Curta na ESFA. Com o objetivo de formar e educar cidadãos capazes de atuar como agentes transformadores na sociedade, a iniciativa envolve alunos de escolas públicas do Município de Santa Tereza, localizado a 80 quilômetros da capital do estado, Vitória. O evento é sempre realizado durante a Semana Franciscana e esse ano já tem data marcada para o mês de setembro. Na ocasião, os estudantes desenvolvem e expõem pequenas produções de vídeos sobre a temática da Campanha da Fraternidade

do ano. Marilson acredita que ao estimular a reflexão, a criatividade e a interdisciplinaridade no processo de formação de cada participante, a escola age na responsabilidade social, por meio de práticas que permitam a socialização do conhecimento.

## **MUITO ALÉM DA VIOLÊNCIA FÍSICA**

Reforçando a importância da participação jovem na campanha deste ano, Silas Silva, padre e assessor pela Arquidiocese de Pastoral Universitária no Amazonas, destaca como a sensibilização dos mais novos em relação a questões públicas sobre violência, podem contribuir positivamente para evangelizar com caráter educativo, possibilitando assim o alcance dos objetivos estabelecidos.

Com ênfase no acolhimento e reconhecimento da identidade dos povos indígenas, Padre Silas acredita que o mais importante é fortalecer o conceito de unidade entre os jovens. “Precisamos trabalhar com os espaços juvenis, sempre combatendo a violência estrutural. Não me refiro a esta apenas na forma física, mas também aos preconceitos e discriminações que indígenas e imigrantes sofrem, por exemplo”, ressalta Silva.

Essa mesma bandeira é levantada no Centro Oeste, com destaque para o colégio Santa Clara, em Goiânia/GO. Com o apoio de Keli Gomes, professora de ensino religioso, diversas ações são desenvolvidas tanto pelo ensino básico, quanto médio. A escola franciscana busca sempre reforçar junto aos alunos o lema que é: transmitir a paz e o bem a todos. Em sala de aula, são sempre abordadas pautas humanizadas e de combate à qualquer tipo de violência.

Keli busca estimular a compreensão emocional e identificação com outras pessoas em seus alunos. “É importante trabalharmos em nossas crianças a empatia. Por meio desse olhar de cuidado com o outro, podemos vislumbrar um futuro sem violência”, pontua.

No Colégio Scalabriniano Medianeira, localizado em Bento Gonçalves, município do Rio Grande do sul, o debate de maneira coletiva foi o caminho encontrado para sensibilizar alunos e gestores quanto ao tema superação da violência. Para a coordenadora de pastoral, Irmã Emiliane Diogo, essas conversas permitem que análises positivas sejam feitas, possibilitando assim uma melhoria no ambiente escolar.

Segundo a educadora, essas ações têm refletido no espaço de convivência. “Conseguimos uma boa aproximação dos discentes e docentes. Isso só foi possível por meio de uma base respeitosa, acolhedora e solidária. Não é um trabalho fácil, mas se tornou possível quando passamos a ver a perspectiva do educando, ajudando estes a entender que boas relações são o princípio de uma convivência saudável”, destaca Ir. Emiliane.

## **EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA**

Muito além da oferta de uma boa formação para crianças e jovens, a escola prepara pessoas para a vida, para o exercício crítico e participativo da cidadania. As instituições de ensino agem também na contribuição em favor ao direito à vida, igualdade, solidariedade, tolerância e respeito às diferenças. Reforçando o compromisso de educar de forma humanizada, a Campanha da Fraternidade 2018 trouxe um novo desafio ao debate: a cultura de paz no ambiente escolar.

Como reflexo da agressividade presenciada pelos alunos fora de sala, o bullying tem sido tema discussões. A violência física, psíquica e virtual tem ganhado espaço nas diversas relações interpessoais, sobretudo no ambiente escolar, como observa o professor Edgley Cassiano do Colégio Imaculada Conceição

(CIC DAMAS). “Nossa escola tem intensificado junto aos educandos um trabalho de conscientização para os valores inerentes a cultura de paz”, reflete.

A prática das agressões são, e podem ser identificadas a partir de uma relação no qual integre o diálogo à conscientização e os relacionamentos familiares. “Esse trabalho tem sido estendido as famílias objetivando fortalecer os laços entre escola e família para sobrepor as ações de violência e tentar criar alternativas que contribuam para a superação da violência entre nós”, comenta Cassiano.

Por conta da dinâmica e evolução do trabalho, o professor passou a ser educador, agindo na formação do cidadão, além de transmitir conhecimento. A progressão ainda continua e o educador assume o papel de Gestor de sala de aula, responsável por gerir conflitos existenciais dos alunos, com habilidades próximas à psicologia.

A CF contribuiu para fomentar todo esse debate, por despertar a atenção das pessoas para a gravidade do assunto, principalmente na região nordeste do país. “Os nossos encontros possibilitaram a descoberta de alternativas capazes de ajudar na solução dos efeitos dessa problemática entre nós”, pondera e continua. “No entanto, é preciso assumir que essa pauta requer uma articulação e um esforço constante, pois a vida contemporânea sofre fortes influências de um clima nada amistoso”, orienta o professor Edgley Cassiano da CIC DAMAS.

Através de projetos de evangelização, das vivências disponibilizadas aos educandos e das reflexões realizadas durante os encontros pedagógicos, que os professores trabalharam junto aos alunos a temática proposta pela CNBB.

FOTO  
AQUI

# † ARTIGO

## Evangelização Juvenil na Escola Católica: Uma Experiência de Escuta



**Ir. Valéria Andrade Leal**

### RESUMO

Na iminência do Sínodo da Juventude, o tema ganha destaque tendo em vista a movimentação que o evento gera. Importa destacar que o evento acontece justamente em virtude da demanda, da preocupação com a urgência da evangelização das novas gerações. Assim, é tempo de refletir como a prática pastoral da Igreja como um todo, tem pensado e agido com relação ao anúncio e serviço aos jovens.

Por comodismo ou por desconhecimento, muitas pastorais insistem em ações que não conseguem atingir o jovem, levando-o a uma experiência de fé profunda e de comunidade. Muitas vezes o evangelizador se pergunta: O que está errado? Por que os jovens não são receptivos? O que fazer para encantá-los? São perguntas para as quais não existem respostas prontas ou fáceis. Entretanto, o processo de realização do Sínodo está dando uma dica: pergunte aos jovens.

Este artigo quer justamente apresentar algumas respostas de jovens que podem indicar alguns Até 150

## INTRODUÇÃO

Na iminência do Sínodo da Juventude, o tema ganha destaque tendo em vista a movimentação que o evento gera. Importa destacar que o evento acontece justamente em virtude da demanda, da preocupação com a urgência da evangelização das novas gerações. Evangelização aqui entendida como o cuidado do pastor, ou seja, para além do anúncio do Evangelho, puro e simples, mas a preocupação com o jovem integralmente. Assim, é tempo de refletir como a prática pastoral da Igreja como um todo, tem pensado e agido com relação ao anúncio e serviço aos jovens.

Seja por comodismo ou por desconhecimento, muitas ações pastorais, por vezes não planejada, insistem em ações que não conseguem atingir o jovem, indicando-lhe o caminho de uma experiência de fé profunda na comunidade. Muitas vezes o evangelizador se pergunta: O que está errado? Por que os jovens não são receptivos? O que fazer para encantá-los? São perguntas para as quais não existem respostas prontas ou fáceis. Entretanto, o processo de realização do Sínodo está dando uma dica: pergunte aos jovens.

Este artigo quer justamente apresentar algumas respostas de jovens que podem indicar alguns caminhos possíveis de diálogo e de evangelização. Trata-se de uma consulta com estudantes do Ensino Médio de escolas confessionais católicas, na região Sul do Brasil, realizada em 2017. O objetivo inicial da consulta foi perceber em que medida a ação da Pastoral Escolar contribui para o crescimento do jovem na dimensão da espiritualidade. Neste artigo, pretende-se apresentar algumas provocações

que surgiram a partir de alguns resultados da pesquisa, ainda em análise, para promover maior consciência da necessidade dar espaços para o protagonismo juvenil, no que se refere à evangelização da juventude. Espera-se também despertar para processos de escuta dos jovens e construção conjunta de projetos pastorais voltados e estes interlocutores a partir do que eles pensam e sentem com relação às experiências religiosas.

Cabe lembrar que, não obstante as classificações de sociólogos e psicólogos, a faixa etária a que se denomina “jovem” neste texto, compreende estudantes de 15 a 18 anos, ou seja, mais propriamente adolescentes. Isso porque se considera apenas o universo da educação básica, mais especificamente das escolas confessionais católicas. Apesar disso, seus resultados abrem possibilidades e reflexões importantes para a evangelização das novas gerações.

### CATÓLICO NA ESCOLA CATÓLICA?

Que a Escola Católica não acolhe apenas católicos não é novidade, ainda mais com o “trânsito” religioso das últimas décadas. Entretanto, mais do que mapear quantidades de católicos e não católicos presentes neste contexto a questão que se coloca é que tipo de católico está presente na escola confessional, qual seu nível de comprometimento com sua fé e de que forma estar presente no ambiente educativo católico contribui efetivamente para sua formação integral, em especial no que se refere à espiritualidade. Cabe refletir sobre qual a compreensão do “sagrado” para este jovem que se apresenta de uma ou de outra comunidade religiosa.

Libânio (2011, p. 183) apontava para a mudança “DE jovem tradicionalmente religioso PARA jovem secularizado e que voltou a fazer-se religioso de outra maneira. (...) A dimensão

sagrada da existência cede lugar à valorização da própria liberdade e escolha pessoal, sem o peso da tradição". A questão se faz sentir quando 52% de 1.117 entrevistados preferem não tratar do tema da religião alegando que se trata de algo pessoal, fruto de escolhas individuais. Tais respostas parecem indicar um novo modo de relacionar-se com a questão religiosa. É uma perspectiva difere muito da Igreja tradicional que tinha como prerrogativa a educação cristã dos filhos, ou melhor, a filiação na Igreja de forma incondicional e exclusiva, iniciada na família e que permaneceria válida por toda a vida. A opção religiosa, pouco a pouco, distancia-se da "continuidade" com costumes da família e da sociedade.

A sociedade em geral, embora ainda busque classificar, definir ou conceituar modelos de família, considera que o ambiente familiar é determinante na formação das novas gerações. Em especial, a Igreja acredita que "o primeiro e originário ambiente educativo é constituído pela comunidade natural da família" (Educar juntos na escola católica... , n. 12) e que a escola aparece como sua colaboradora, em um segundo momento. Sem a pretensão de discutir elementos mais específicos do tema família, considera-se ainda outra problemática levantada por Libânio (2011, p. 97): "DE família estruturada em que os filhos se encontravam normalmente com os pais PARA aquela em que apenas se relacionam por causa da sua ausência, da fragmentação, da dissolução dos laços familiares, de recasamentos e de filhos a morarem com pais verdadeiros ou não". Embora esta realidade seja facilmente identificada nos ambientes escolares, a influência da família na escolha religiosa ainda é grande. A pesquisa indica que 75% dos jovens foram iniciados por seus pais em uma comunidade religiosa, mesmo que posteriormente tenham optado por pertencer a outra comunidade religiosa.

**Você continua participando da mesma tradição religiosa em que foi introduzido por seus pais?**



Fonte: Ir. Valéria Andrade Leal

O fato aponta também para uma contradição interessante: mesmo declarando que a religião é elemento de consciências individuais o jovem não fica aquém das influências do meio. Dos 25% que afirmam não seguir mais a religião na qual foi iniciado, muitos admitem que a mudança se deveu à influência de algum familiar. Mas há também influência de amigos, bem como a busca pessoal de sentido.

Além disso, fenômenos que marcam a dinâmica do campo religioso na atualidade são intensificados quando se trata da população jovem, como a busca contínua por uma expressão de fé que dê sentido às suas vidas (o que acelera o trânsito religioso); a atração por manifestações religiosas exóticas; e a elaboração de sínteses pessoais a partir do repertório de crenças e práticas disponíveis em vários sistemas religiosos (CNBB, Doc. 85, n. 45).

E ainda:

Sem negar as motivações religiosas desta busca de participação no grupo, são manifestações que se iniciam com força na adolescência, na descoberta de outras realidades

além da família, onde possam construir sua autonomia e sua independência. Daí, a importância pedagógica e teológica de um acompanhamento adaptado da vivência grupal nessa fase (CNBB, Doc. 85, n. 44).

Embora a influência da família ainda seja grande, a busca religiosa tem traços diferentes daqueles dados pela tradição e que implicavam em ideias de vida como “formar família”, por exemplo, ou em ser aceito na sociedade ou em um grupo específico. Por isso, torna-se mais individual.

Há a busca de uma espiritualidade que dá unidade e gosto à vida. Trata-se, entretanto, de uma religiosidade mais individual. Face a tanto medo, pressa e caos, muitas pessoas voltam-se para vários tipos de manifestações religiosas e místicas (ocultismo, nova era, esoterismo, horóscopos, astrologia...). Outras pessoas refugiam-se em grupos fundamentalistas em que as verdades são ensinadas de maneira dogmatizada, evitando, assim, a angústia da dúvida (CNBB, Doc. 85, n. 19).

Sínteses entre diversas formas de crer ou refúgio em sistemas considerados fechados, são duas tendências entre jovens. Mas o questionário mostra indica predominância da primeira opção. Muitos afirmam pertencer a duas comunidades religiosas ao mesmo tempo, ou participar em alguns momentos de cultos de igrejas das quais não fazem parte. Em termos doutrinários ou de costumes, não consideram haver problemas com

isso.

Voltando a atenção para o comprometimento com a própria religião e presença em cultos e outras atividades religiosas a respostas diferem significativamente. Quando questionados sobre práticas religiosas, 26% do grupo participa de celebrações apenas quando tem interesse, 18% não participam e 32% participam semanalmente. Foram questionados também acerca de outras atividades além das celebrações: 58% não participam de nenhuma atividade além das celebrações. O quadro revela níveis de comprometimento bastante oscilantes com relação às práticas religiosas, o que é diferente da fé. Aqui se poderia aprofundar o conceito de religião, celebração, engajamento do jovem o que não cabe discutir neste breve artigo.

Outro ponto que desperta interesse é quanto às experiências religiosas ou espirituais. Não obstante a participação em cultos e atividades afins, 56% dos entrevistados afirmam ter experiências religiosas significativas contra 24% que responderam negativamente. Os demais não souberam responder. Isso confirma a busca por experiências religiosas profundas, sem classificar as formas ou lugares. Alguns afirmam que tais experiências aconteceram em momentos celebrativos, outros indicam situações desafiadoras da vida, como uma doença ou uma crise familiar.

## **EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO CONFSSIONAL**

A Igreja “existe para evangelizar” (EN, n. 14). Sua missão se estende a todos os campos da vida humana entre os quais se encontra a educação. Trata-se da preocupação do crescimento do ser humano em sua integralidade, considerando de forma particular sua educação para a dimensão espiritual. Com vistas a esta meta, a escola confessional católica realiza a missão da Igreja no campo educativo atuando com explícita referência ao Evangelho.

(...) 'o problema da instrução sempre esteve estreitamente ligado à missão da Igreja'. A escola participa nesta missão como verdadeiro sujeito eclesial, com o serviço educativo, vivificado pela verdade do Evangelho. Ela, de fato, fiel à sua vocação, apresenta-se 'como lugar de educação integral da pessoa humana através de um claro projeto educativo que tem o seu fundamento em Cristo, orientado para realizar uma síntese entre fé, cultura e vida' (Educar juntos na escola católica, n. 3)

Como já afirmado, a família tem capital responsabilidade na educação dos filhos. Ao lado da família, porém, a escola se apresenta "como o espaço educativo comunitário, orgânico e intencional e apoia o seu empenho educativo, segundo a lógica da subsidiariedade" (Educar juntos na escola católica, n. 12). Para a Igreja, a escola católica contribui com a síntese entre fé e razão. Ao mesmo tempo, na sociedade plural contribui com a formação para o diálogo e o convívio com as diferenças como afirma a Congregação para Educação Católica:

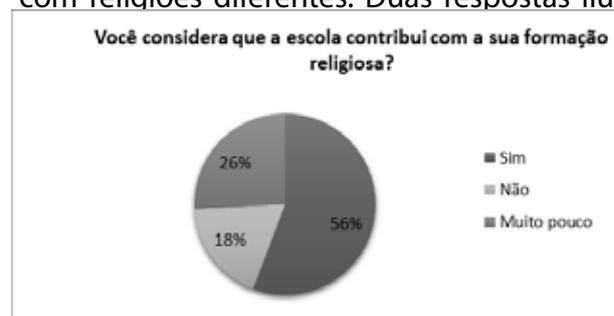
A proposta educacional da escola católica brota do testemunho do Evangelho e da abertura livre para amar o próximo. A escola católica se preocupa em desenvolver uma abordagem intercultural que toque todos os âmbitos da experiência escolar: relações entre as pessoas, a perspectiva do conhecimento humano e as

diferentes disciplinas, a integração e os direitos de todos.

A abertura ao pluralismo e às diferenças é condição indispensável para a colaboração. A experiência mostra que a religião católica sabe como encontrar, respeitar, valorizar as culturas diferentes. O amor para com o homem e a mulher é, inevitavelmente, o amor pela sua cultura. A escola católica é, por sua própria vocação, intercultural (Educare al dialogo intercultural nella scuola cattolica, n. 61 – tradução livre).

Diante desta missão e procurando melhor entender como a instituição educacional católica contribui para a formação religiosa dos adolescentes estes foram questionados acerca de sua própria percepção acerca de como a escola contribui ou não para sua formação religiosa. A percepção da maioria dos estudantes indica o reconhecimento da influência da escola no processo de sua própria formação religiosa. Quando questionados acerca do "como" a escola contribui, surgiram respostas que indicam dois elementos presentes na escola católica e que são considerados fatores que favorecem o crescimento: a disciplina de Ensino Religioso e os momentos de oração e celebração.

Uma das contribuições destacadas é a possibilidade de refletir e aprender a conviver com religiões diferentes. Duas respostas ilustram



e podem representar o pensamento de muitos outros: "A escola nos propõe o conhecimento de novas crenças, aumentando o conhecimento, criando um maior senso crítico e ajudando a respeitar todas as religiões e nos ajudando a pensar melhor" ou "A escola não nos ensina uma única religião, então não ajuda de forma direta na nossa religião de preferência". Outro adolescente também pontuou o fato de haver Ensino Religioso na escola. O entendimento predominante parece ser que uma das formas com que a escola favorece a formação religiosa seja com estas aulas, que, na maioria dos casos, não se caracterizam como momentos de catequese católica, mas refletem acerca do fenômeno religioso e das religiões enriquecendo o cabedal de conhecimento acerca das religiões em si ou fazendo refletir sobre o respeito às diferenças.

A Escola Católica tem a importante missão de preparar cidadãos capazes de estabelecer diálogo nos vários âmbitos da sociedade. No mundo do trabalho e no colóquio com as ciências, os valores evangélicos, vivenciados desde a escola, são alavancas para uma cultura de acolhida e respeito. Este também é um aspecto da formação integral, proposta pela educação católica, que contribui para a salvação e o bem de toda humanidade. Estar apto a dialogar requer o conhecimento da própria identidade cultural e religiosa. Assim, uma unidade educacional católica, por si, coloca-se como um ambiente em que se respiram ares de fraternidade cristã, ou seja, que educa a partir dos valores evangélicos para formar o "homem novo" (Ef 4,24) capaz de fazer acontecer o Reino.

No "como" a escola contribui, também apareceram, em significativa quantidade, menções a momentos celebrativos, as orações no início dos períodos de aula e outras ações realizadas pela pastoral escolar ou similar.

O encontro com Deus é sempre um acontecimento pessoal, uma resposta ao dom da fé que, por sua natureza, é um ato livre da pessoa. A escola, inclusive a católica, não pede a adesão à fé, pode, porém, prepará-la. Através do projeto educativo, é possível criar as condições para que a pessoa desenvolva a atitude para a procura e seja orientada a descobrir o mistério do próprio ser e da realidade que a circunda, até atingir o limiar da fé. A quantos, pois, decidirem atravessá-la, sejam oferecidos os meios necessários para continuar a aprofundar a experiência da fé, mediante a oração, os sacramentos, o encontro com Cristo na Palavra, na Eucaristia, nos acontecimentos, nas pessoas (As pessoas Consagradas e sua Missão na Escola Católica, n. 51).

Interessante que muitos afirmaram que sua experiência religiosa mais forte aconteceu em momentos de celebração de sacramento: o crisma. Embora provavelmente não tenha acontecido na escola, a resposta, em número significativo e inesperado, indica a importância dada a tais momentos e que merecem ser contemplados nos planejamentos pastorais das instituições educativas católicas.

Embora a maioria afirme que a escola contribui para sua formação religiosa, há um número significativo que discorda ou não sabe responder. Destes, a maioria não justificou sua resposta. Em especial, um adolescente expressou que não considera que a escola favorece, "Porque há espaço apenas para os católicos, pois a escola é católica". Tal percepção contradiz a maioria absoluta, mas merece atenção pois confirma

a importância dada ao elemento diversidade religiosa na escola por parte dos estudantes.

A questão da diversidade religiosa existente nos contextos diferentes em que se encontra a Escola Católica e é reconhecido pela Igreja, particularmente ao dedicar um texto especialmente sobre educação e pluralidade<sup>2</sup>. Neste, a acolhida, o respeito e o diálogo são indicados como caminho de construção da “civilização do amor” e sinal do Reino. A evangelização assim se dá pelo testemunho.

De forma geral, a pesquisa destaca que o estudante está atento às formas como a escola contribui para sua formação e pode dar uma palavra acerca de suas expectativas com relação à confessionalidade da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados, ainda em análise, mostram o quanto os jovens podem ter percepções diferentes daquelas que pressupõem os educadores, em particular, os agentes de pastoral. Foi bastante surpreendente o número de adolescentes que indicaram a celebração do Crisma como momento forte de experiência religiosa, por exemplo; a importância dada às aulas de Ensino Religioso, muitas vezes percebida como uma disciplina que não desperta o interesse dos estudantes; a percepção da relevância da família pelos próprios pesquisados; foram elementos que despertam a atenção por não estarem tão claros no convívio cotidiano da escola.

Constatado este fato, evidencia-se uma questão básica, sabida por muitos, mas nem sempre considerada na ação pastoral: para evangelizar jovens é preciso ouvi-los. Escutar

com seriedade seus anseios e opiniões, deixando que revelem o que de fato desejam para que se possam construir planos de ação, realizar atividades, celebrar de forma a corresponder a estes anseios. Sem isso, torna-se difícil ser mediador da experiência religiosa. Os estudantes podem contribuir, com seriedade ao sentirem-se protagonistas dos processos. Trazem o novo, pois são frutos de novos contextos nos quais assimilam novas formas de pensar, sentir e entender o mundo, novos valores e formas de experimentar o sagrado que, bem ou mal do ponto de vista das gerações anteriores, precisam ser consideradas na evangelização das juventudes. É nelas que o Evangelho precisa novamente encarnar-se para produzir seus frutos.

Por outro lado, não se pode menosprezar o que já é feito tradicionalmente, por assim dizer, nas práticas pastorais realizadas. Os participantes da pesquisa apontam para interesse nos ritos da Igreja Católica e das demais comunidades religiosas, talvez não da maneira como pensam os adultos, mas com certo fascínio. Compreender qual e como é este interesse, se curiosidade, se desejo do sagrado, se busca por refúgio, entre tantas outras motivações, é chave para promover momentos celebrativos que sejam significativos na caminhada pessoal de cada estudante.

Para além dos juízos de valor acerca das novas formas de relacionamento com o sagrado, com as comunidades religiosas, com a diversidade, a ação evangelizadora se faz primeiramente pela acolhida, como tem insistido o Papa Francisco por palavras e atos.

Assim, ouvir o jovem é o movimento da “Igreja em saída” dos próprios esquemas e formas de compreender e articular o novo abrindo caminhos para que o Evangelho se faça ouvir nestes novos ambientes.

Outra questão forte que merece destaque é o interesse pelo diferente, traço forte registrado nas respostas dos estudantes. O estudante valoriza

.....  
<sup>2</sup> Trata-se do documento da Congregação para Educação Católica, dado em 2013 com o título: *Educare al dialogo interculturale nella Scuola Cattolica. Vivere insieme per una civiltà dell'amore*. Ainda sem tradução para a língua portuguesa. Aborda questões ligadas à presença da Educação Católica em ambientes diversificados e até não católicos.

quando a Escola Católica não ignora a presença do diferente em seu seio e na sociedade. Quando ele é o diferente, o não católico, não crente, sente-se acolhido. Por sua vez, quando católico, vive em um mundo plural, em constante transformação e espera que a instituição escolar possa acolher esta dinâmica, visto que, muitas vezes, ele já se sente parte desta pluralidade pelo seu jeito de pensar e sentir. Além disso, ele quer aprender a lidar com tudo isso, com as diferenças, quer aprender a escolher o melhor para si sem que isso o coloque numa situação de oposição às realidades circundantes. É de fato uma tarefa difícil. Por isso, precisa de orientação, de acompanhamento, de clareza por parte das instituições que se colocam como colaboradoras do seu desenvolvimento.

De forma geral, fica claro que o jovem espera que a Escola Católica lhe indique caminhos de experimentar o sagrado à sua maneira, a partir de seus próprios anseios. O que não indica necessariamente a busca por algo que simplesmente lhe agrade, mas que lhe seja claro e significativo.

Talvez, mais do que inovar em ações e atividades mais criativas ou mais conforme a mentalidade da sociedade do espetáculo, o que se precisa repensar na pastoral são os pressupostos que motivam a ação. Ao ouvir os jovens, percebe-se que muitas das percepções dos adultos, fruto de outros contextos sociais, estão carregados de percepções próprias das experiências pessoais de sua juventude e que, muitas vezes, não coincide com a dos jovens de hoje. Parece óbvio, mas nem sempre as ações pastorais buscam suplantar esta dificuldade.

Deixar que os jovens expressem suas percepções acerca da ação realizada favorece a reflexão acerca da forma com que o jovem experimenta a relação de transcendência e abre portas para novas leituras e propostas por parte do agente de pastoral.

A Igreja do Brasil reconhece que “conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece” (CNBB, Doc. 85, n. 10).

O conhecer é ferramenta para que se possa pensar, sentir e agir com os jovens de forma a, partindo do seu lugar existencial, conduzir a uma experiência religiosa profunda e à experiência com o Senhor Ressuscitado.

## REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais. Doc. 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. As pessoas Consagradas e sua missão na escola. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20021028\\_consecrated-persons\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20021028_consecrated-persons_po.html)>. Acesso em 05 jun. 2014.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educare al dialogo intercultural nella scuola cattolica. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20131028\\_dialogo-interculturale\\_it.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20131028_dialogo-interculturale_it.html)>. Acesso em: 28 mai. 2014.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20070908\\_educare-insieme\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html) Acesso em: 17 ago. 2017.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 05 mai. 2018.

LIBÂNIO, João Batista. Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.



Humberto Silvano Herrera Contreras

### RESUMO

A Educação em Direitos Humanos frente à prevenção da violência contra a mulher é um tema em discussão que está em destaque em órgãos como a ONU e UNESCO, tendo em vista que a violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos e afeta o desenvolvimento social da humanidade. Conforme o compromisso assumido na Declaração Universal dos Direitos Humanos, estas instituições estão empenhadas em disseminar uma educação promotora do respeito, da paz e da igualdade de gêneros. Nossa pesquisa problematiza: *como a educação em direitos humanos pode ser uma ferramenta que auxilie na prevenção da mulher* e apresenta-se o contexto histórico em que se configura a desigualdade de gêneros, descreve-se de que maneira a educação em direitos humanos pode contribuir para a conscientização da violência contra a mulher, relata-se os principais documentos que norteiam e pautam uma educação de paz entre os indivíduos. Apresenta-se também programas de prevenção à violência contra a mulher em Curitiba-PR. Nossa pesquisa foi de cunho bibliográfico. Faz-se necessária uma reflexão acerca do problema apresentado em vista de conquistas de políticas públicas que possibilitem a erradicação da violência e opressão contra a mulher. A pesquisa mostra a necessidade de dar continuidade no trabalho para entender como atingir o público masculino com esta reflexão, de maneira que todos tenham a consciência da importância da igualdade de gêneros e ciência do quanto esse tipo de violência prejudica o desenvolvimento da sociedade em questões econômicas, políticas e sociais.

### PALAVRAS-CHAVE

Violência contra a mulher; Educação em Direitos Humanos; Prevenção.

## INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma violação dos direitos humanos, com isso fica em evidência a necessidade de conquistas legais, de políticas públicas que combatam a desigualdade de gênero no Brasil e a exigência da luta contra as múltiplas formas de violência decorrentes das relações culturais e das políticas estabelecidas. A UNESCO Brasil (1995) está consciente de sua responsabilidade e comprometimento com uma educação promotora da paz e dos direitos humanos, conforme o compromisso assumido por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH. Sendo assim, as políticas educacionais pautadas por educadores comprometidos com o progresso da paz mundial têm contribuído para o desenvolvimento da reflexão social, da solidariedade e da tolerância entre as pessoas.

Os casos de violência contra a mulher estão em destaque na mídia de inúmeras maneiras, seja sexual, psicológica, física ou moral, cada vez mais presentes no cotidiano brasileiro, independente do contexto social, político e econômico, atingindo negativamente o desenvolvimento de uma sociedade justa e igualitária. É imprescindível uma reflexão acerca do problema para que haja conquistas de políticas públicas, as quais possibilitem a erradicação da violência e opressão contra a mulher. A educação em direitos humanos pode ser umas das ferramentas que nos possibilita ter profissionais capacitados para discutir em diferentes lugares e trabalhar para a prevenção destes casos em Curitiba.

A pesquisa tem como objetivo geral entender como a educação em direitos humanos contribui para a prevenção da violência contra a mulher em Curitiba. Sendo norteada com os seguintes objetivos específicos: *definir o que é violência contra a mulher; identificar a contribuição da educação em direitos humanos na prevenção da*

*violência contra a mulher; e analisar os programas de prevenção à violência contra a mulher em Curitiba.*

De acordo com o contexto apresentado questionamos: como a educação em direitos humanos pode ser uma ferramenta que auxilie na prevenção da violência contra a mulher em Curitiba? Temos como hipótese de que a educação em direitos humanos pode contribuir através de atos como: movimentos sociais, programas e palestras, podendo garantir a segurança à mulher, conscientizar a sociedade para que haja uma diminuição significativa dos casos de violência. Faz-se necessária uma equipe preparada para atuar nestes casos em Curitiba.

Por meio da pesquisa bibliográfica investigase o contexto histórico da violência contra a mulher para identificar os tipos de violência que ocorrem na sociedade brasileira, especificadamente em Curitiba-PR, com a intenção de refletir sobre a possível contribuição da educação em direitos humanos na conscientização social a respeito da violência contra a mulher.

## A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A dominação masculina e a forma como está organizada a sociedade atualmente não poder ser compreendida como consequência da própria dominação. Bordieu (2002) reflete em relação a dominação masculina mostrando-nos a definição social do corpo e dos órgãos sexuais, a contradição existente na ideia de definir socialmente o corpo humano está nas diferenças biológicas do homem e da mulher, as quais são implantadas socialmente por uma perspectiva androcêntrica.

Em algumas sociedades antigas, as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens, não podiam manifestar seus pensamentos e expor suas opiniões. Isso ocorria principalmente no ambiente familiar, onde atualmente na maior parte dos casos acontecem as agressões físicas. Segundo a ONU (2015:39) “[...] o domicílio da

vítima é um local relevante (27,1%), indicando a alta domesticidade”.

Engels (1995) em seu livro “A origem da família e da propriedade privada do estado” mostra retrospectivamente a história da família, onde nem sempre predominou a sociedade patriarcal, pois de acordo com ele, “existiu uma época primitiva em que imperava, no seio da tribo, o comércio sexual promíscuo, de modo que cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres”. Existiu na estrutura familiar primitiva igualdade sexual, porém isso é negado nas sociedades contemporâneas, pois “pretendem poupar à humanidade a essa vergonha”. (Engels, 1995:11).

A ONU Mulheres, departamento da Organização das Nações Unidas dedicado à igualdade de gênero e ao empoderamento feminino, lançou em 2016 uma cartilha de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres. Esta iniciativa tem como intuito conscientizar as mulheres e ajuda-las na identificação dos mais variados tipos de violência que ocorrem no cotidiano. É comum as vítimas não reconhecerem que estão sofrendo algum tipo de violência e não saberem que podem ser amparadas pela lei Maria da Penha.

A escola é um círculo singular para refletir em relação ao tema em questão, mas dentro desse espaço e em seus arredores ocorrem atos de violência contra as mulheres. As causas podem estar ligadas a reprodução dos padrões culturais, na estrutura das relações entre homem e mulher e nas raízes históricas das desigualdades sociais. Os tipos de violência que podem ocorrer são: Violência Institucional, onde as mulheres enfrentam a opressão por outros motivos além do gênero, bem como, orientação sexual, etnia, identidade ou religião; violência da equipe docente para com as meninas (alunas), ou professoras, acompanhado do abuso de poder; violência entre os alunos por razões de gênero,

caracterizado também como *bullying*; violência familiar e as violências em torno da escola. (Uriza, 2015).

A lei nº 11.340 conhecida popularmente como Maria da Penha, sancionada no dia 7 de agosto de 2006, é uma das principais legislações frente à luta pelo fim da violência contra a mulher. O Art. 1º nos diz que:

Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (Brasil, 2006).

O principal objetivo dessa legislação não é a punição, mas a elaboração de recursos políticos e econômicos que anulem qualquer tipo de violência contra a mulher. A Lei define os tipos de violência nas seguintes categorias: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Segundo a Lei Maria da Penha a violência física é caracterizada por uma conduta que prejudique a saúde e a integridade do corpo; a violência psicológica é marcada por perseguição e atos que atinjam a autoestima, a autoconfiança ou a liberdade de escolha da mulher; a violência

sexual é entendida como a participação de relação sexual ou toques corporais não desejados; a violência patrimonial é a contenção e danos dos objetos e valores econômicos; a violência moral é identificada pela injúria e difamação (Brasil, 2006).

Em 9 de março de 2015, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei de nº: 13.104, onde: “Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio” (Brasil, 2015). A partir desta lei a violência doméstica e familiar, o menosprezo à condição da mulher tendo como consequência o assassinato é considerado um crime hediondo, ou seja, extrapolam os padrões morais da sociedade. A nova lei alterou também o tempo de pena dos agressores<sup>3</sup>.

O aumento da punição dos casos de agressão e violência citados acima visa proteger e evitar o abuso das mulheres que estão em condições ainda mais desfavoráveis para buscar proteção, bem como evitar abuso e proteger crianças e idosos.

Em Curitiba, no dia 26 de novembro de 2013, foi criada a lei municipal de nº 14.362 a qual prevê o funcionamento do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. O art. 1º nos diz que este Conselho tem como finalidade “formular e propor diretrizes de ação governamental voltadas à promoção dos direitos das mulheres e atuar no controle social de políticas públicas de igualdade de gênero”. (Curitiba, 2013).

Ao Conselho Municipal de Mulheres cabe a participação na elaboração de políticas

municipais que tenham como prioridade assegurar as condições de igualdade às mulheres, recomendar decisões governamentais ao Plano Municipal de Política para Mulheres, acompanhar o desenvolvimento de programas e recursos públicos, apoiar a Secretaria Municipal da Mulher e promover a articulação com os movimentos de mulheres, conselhos nacionais e estaduais dos direitos da mulher. (Curitiba, 2013).

O mapa de violência (2015), elaborado pela ONU Brasil apresenta as taxas de feminicídio no Brasil. Em Curitiba, no ano de 2003, houve 50 homicídios de mulheres, no ano da criação da lei Maria da Penha (2006) foram registrados 51 assassinatos. 2008 foi o ano com o maior número de feminicídio, 75 mulheres foram assassinadas. 2013, o ano mais atual do mapa, a quantidade de vítimas foi para 58. (Waiselfisz, 2015:19). De acordo com os dados, após dois anos de vigoração da lei Maria da Penha, teve um aumento de 24 mortes, ou seja, a criação do código nº 11.340 não foi o suficiente para diminuir e erradicar os assassinatos que estão ligados à condição da vítima ser do sexo feminino.

## **A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e o sistema da ONU foram criados em consequência de grandes desastres sociais, os quais ocasionaram duas guerras mundiais, massacres de inocentes, extermínio de etnias e classes pré-julgadas como inferiores. Tossi e Ferreira relatam que após a 2ª guerra mundial “os líderes políticos das grandes potências vencedoras criaram a Organização das Nações Unidas (ONU) e confiaram-lhe a tarefa de evitar uma terceira guerra mundial e de promover a paz entre as nações”. (Tossi e Ferreira, s/p, 2014)

.....  
De acordo com o Art. 7º: A pena do feminicídio é aumentada 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado: I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto; II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência; III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.” (NR). (Brasil, 2015).

A ONU surgiu com o compromisso de evitar um novo desastre social e manter a paz entre as nações, decorrente disto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos tem como intuito pautar os direitos daqueles que por alguma razão foram excluídos e sofreram com a desigualdade social, refletindo na evolução da humanidade nos valores que envolvem respeito, equidade e liberdade. Em decorrência deste compromisso com a humanidade os países responsáveis pela direção da ONU apresentaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos em Paris no dia 10 de dezembro de 1948. O primeiro artigo assume a responsabilidade da garantia dos direitos genuínos do homem. “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” (ONU, 1948).

Após esse marco histórico, houve uma ampliação de recursos sociais e convenções para combater atos de opressão com aqueles que por alguma razão foram excluídos da sociedade. Perrot (2006) disserta sobre a exclusão da mulher no século XIX, mostrando-nos que as restrições da mulher em alguns espaços da sociedade ocorrem sem justificativa, em casos de violência e desigualdade sexual existem razões não criadas, mas apropriadas de outro tempo da história.

De acordo com Silveira (2014:83), “a Cultura dos Direitos Humanos foi se consolidando como uma visão de mundo muito além da perspectiva jurídico-política formal do momento de sua fundação”, devido a essa dimensão estar inteiramente ligada as necessidades naturais do ser humano. Os direitos humanos são pautados pela emancipação, a condição de sobrevivência do homem, com isso, outras dimensões passam a serem retratadas, bem como, os direitos a melhores condições de trabalho, de salário e de vida, Estado de Bem Estar Social, direito

à autodeterminação dos povos e direito ao desenvolvimento.

A Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres realizada em 1979 é um dos instrumentos que foram criados em consonância com outros países. A República Federativa do Brasil assinou este documento no dia 31 de março de 1981 quando o mesmo entrou em vigor, reafirmando o compromisso de posicionar-se contra qualquer forma de opressão: “[...] Tem a obrigação de garantir ao homem e à mulher a igualdade de gozo de todos os direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos.” (Cedaw, 1979).

O Compass - Manual de Educação para os Direitos Humanos (material criado pela Europa), afirma que “um dos maiores desafios do século XXI é garantir que os direitos humanos são para todos e todas” (Jagland, 2016, s/p.), indicando a necessidade de uma educação direcionada a este desafio, a aprender para que serve e o que é.

A UNESCO em parceria com o Ministério da Educação elaborou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, voltado para a educação básica, superior e não formal. O plano de ação deste documento está amparado por documentos internacionais e nacionais, e tem como um de seus objetivos “fomentar o entendimento, a tolerância, a igualdade de gênero e a amizade entre as nações, os povos indígenas e grupos raciais, nacionais, étnicos, religiosos e linguísticos” (Brasil, 2007:24). Desta forma, fica evidente a mobilização por uma educação em direitos humanos ligada a democracia, tolerância, respeito e solidariedade. Tendo também como ação programática o “incentivo de estudos sobre as violações dos direitos humanos no sistema de ensino e outros temas relevantes para desenvolver uma cultura de paz e cidadania”. (Brasil, 2007:35)

A escola é um espaço privilegiado para debater temas de relevância social, como a

prevenção da violência contra a mulher, pois é nesse ambiente que se define a prática e a vivência dos direitos humanos, uma vez que o tema em questão é uma violação daquilo que foi estabelecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Segundo o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, esse processo na educação básica deve fortalecer três dimensões: “conhecimentos e habilidades; valores, atitudes e comportamentos; ações” (Brasil, 2007:32). Por outro lado entende-se que o processo de educação não contempla apenas os espaços formais, pois a humanidade está em constante aprendizado, sendo assim, existem ações voltadas para a educação não formal em direitos humanos, que tem como princípios a emancipação e o desenvolvimento da autonomia (Brasil, 2007).

A ONU Mulheres se desdobra nesse contexto do processo educativo elaborando cartilhas, informativos, sites e materiais eletrônicos para a eliminação da violência contra as mulheres, o empoderamento econômico e a promoção da igualdade de gêneros.

A declaração e plano de ação integrado sobre a Educação para a paz, os direitos humanos e a democracia no diz que um de seus esforços é agir “a fim de eliminar, nos sistemas educacionais, toda discriminação, direta ou indireta, contra meninas e mulheres e adotar medidas específicas para garantir que elas atinjam todo seu potencial”. (Unesco, 1995, s/p).

## **PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Em 2015 a ONU Mulheres por meio do programa “O valente não é violento”, propôs um currículo educativo para o ensino médio sobre a promoção da igualdade de gênero entre adolescentes e jovens brasileiros. Nascimento

e Arruda (2015) relatam que o enfrentamento das violências e a igualdade de gêneros não são temas priorizados na educação brasileira, sendo citados apenas na disciplina de História. Tendo em vista que as concepções abordadas no currículo escolar estão inteiramente ligadas aos valores sociais, práticas diárias, necessidades de aprendizagem e conhecimento, a carência dessas reflexões contribuem para uma sociedade resistente a promover mudanças diante de preconceitos, violência e opressão.

O documento criado pela ONU Mujeres, “Únete” e Unicef intitulado como *La prevención de la violencia contra las mujeres y las niñas en el contexto educativo*, nos mostra práticas promissoras para a prevenção de todas as formas de violência contra a mulher em 14 países da América Latina e do Caribe. (Uriza, 2015).

Uriza (2015) diz que os planos nacionais de combate a violência contra a mulher, em sua maioria, fazem referências teóricas a igualdade de gêneros relacionando os com os direitos humanos. São poucos os planos que estabelecem ações, estratégias e metas para colocar em prática instrumentos em que prevaleçam a equidade entre os gêneros e a proteção de meninas e mulheres em circunstâncias gerais. Alguns países da América Latina têm adotado medidas práticas para enfrentar este problema a partir da educação formal, da educação não formal e têm avançado no requisito de proteção. As iniciativas para a educação formal são: “educação sexual, educação para a convivência, assuntos específicos e transversalização da perspectiva de gênero”. Já para a educação não formal propõem-se: “campanhas de informação e sensibilização, escolas de jornada ampliada com atividades educativas em torno da prevenção da violência contra mulheres e meninas”. E promovem a conscientização da proteção de violência nos seguintes casos: “Violência familiar, entre pares e exploração sexual”. (Uriza, 2015:26)

As ações voltadas à prevenção da violência contra as mulheres e meninas dentro do ambiente escolar têm como estratégias: conscientizar os familiares dos alunos para que a comunidade escolar dê atenção ao tema, favorecendo um ambiente livre de violência; incorporar no currículo escolar e prática docente conteúdos de igualdade de gêneros e direitos humanos; e construir na escola um sistema de proteção, onde as meninas se sintam seguras, sem a propagação de qualquer forma de violência. (Uriza, 2015)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa surgiu com o intuito de investigar a contribuição da Educação em Direitos Humanos na conscientização da violência contra a mulher em Curitiba-PR, tendo em vista que o compromisso assumido com a humanidade por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos é promover a igualdade dos direitos do homem e da mulher em todos os âmbitos da sociedade.

Nas organizações primitivas da humanidade encontrava-se igualdade e liberdade sexual entre homens e mulheres, porém, esse contexto histórico não é levado em consideração atualmente, uma vez que predomina-se e perpetua-se uma sociedade patriarcal com uma visão androcêntrica, que em suas relações estabelece a dominação masculina o que favorece a violência e faz com que seja mais difícil para as próprias mulheres identificarem que estão sofrendo algum tipo de opressão. A ONU mostrou-se preocupada com esse contexto lançando campanhas e criando uma área específica de enfrentamento e empoderamento das mulheres, conhecida como ONU Mulheres, com intuito de auxiliar na identificação das múltiplas formas de violência que ocorrem.

No Brasil existe uma legislação empenhada na proteção das mulheres de

qualquer tipo de violência, a Lei Maria da Penha, que destaca-se por buscar não somente a punição de atos contra integridade física e psicológica da mulher, mas também a criação de recursos que possibilitam a erradicação dos casos de violência. Em consequência das discussões internacionais foi elaborado também a lei do feminicídio (morte pela condição da vítima ser do sexo feminino) a qual alterou o código penal e passou a ser considerado um crime hediondo aumentando o tempo de pena dos agressores.

Após dois anos em vigor da lei Maria da Penha houve um aumento de 24 vítimas em Curitiba-PR, por isso, pode-se entender que apenas as criações das leis não foram suficientes para exterminar o problema apresentado.

As ações internacionais e nacionais voltadas para a prevenção da violência contra mulher são frutos da reflexão de uma perspectiva educacional dos direitos humanos.

A escola é o ambiente mais indicado para discutir sobre os problemas enfrentados pela sociedade, tendo em vista que entender que os direitos humanos são para todos e todas é um dos maiores desafios do século XXI. É na socialização e no ambiente educacional que os indivíduos terão acesso a conhecimentos atitudes valores e comportamentos que desenvolvam a cultura dos direitos humanos. Portanto este processo contempla também espaços informais, atingindo mulheres e meninas com campanhas de prevenção.

Existem práticas promissoras para prevenção de todas as formas de violência contra a mulher documentada a nível internacional, porém, em Curitiba- PR a pesquisa caminhou com dificuldades para encontrar projetos educacionais específicos e de relevância ao tema, dificultando o levantamento de dados para o trabalho acadêmico.

O presente artigo foi guiado pelo questionamento de como a educação em direitos humanos pode ser uma ferramenta que auxilia na prevenção da violência contra a mulher em

Curitiba. Foi identificada a contribuição histórica da Declaração Universal dos Direitos Humanos trazendo modificações culturais universais na humanidade, a conscientização do tema por meio dos programas desenvolvidos pela ONU Mulheres, materiais elaborados pela UNESCO em parceria com o MEC, são um eixo de partida para a prática docente e podem ser utilizados em espaços informais, auxiliando mulheres que estão em situação de violência a identificarem a opressão e buscarem formas de erradicar o problema de suas vidas.

Faz-se necessário continuar a pesquisa em vista de se compreender como todos os programas, legislações e materiais educacionais citados cheguem a um maior número de mulheres, e para incluir essa reflexão junto ao público masculino, de modo que todos tenham a consciência da importância da igualdade de gêneros e saibam que a violência contra a mulher prejudica o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, justa e humana.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 4.424, 8 ago. 2006. Seção 1, p.1.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.104, de 9 de março DE 2015. Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 mar. 2015. Seção 1, p.1.

BORDIEU, P. 2002. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CURITIBA. Lei nº 14. 362, de 26 de novembro de 2013. Dispõe sobre a criação, composição, estruturação, competência e funcionamento do conselho municipal dos

direitos da mulher em Curitiba, CMDM revoga a lei nº 7.393, de 5 de dezembro de 1989. Palácio 29 de março, Curitiba, em 26 de novembro de 2013

ENGELS, F. 1995. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro (RJ): Editora Civilização Brasileira S. A

JAGLAND, T. Texto introdutório. In: DINAMO. Associação de dinamização socio-cultural. COMPASS Manual de Educação para os direitos humanos e jovens. 2016. Disponível em: <www.dinamo.pt>. Acesso em: nov., 2017

NASCIMENTO, M.; ARRUDA, S. Proposta de currículo educativo para o ensino médio sobre promoção da igualdade de gênero entre adolescentes e jovens brasileiros. ONU Mulheres, Brasil. Junho de 2015.

PERROT, M. Os excluídos da História Operários, Mulheres e Prisioneiros. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A.

SILVEIRA, R. M. 2014. Educação em Direitos Humanos e Educação para os Direitos Humanos. João Pessoa (PB): UFPB.

TOSSI, G.; FERREIRA, L. Educação em Direitos Humanos e Educação para os Direitos Humanos. João Pessoa (PB): UFPB.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017

ONU Mulheres. Cartilha de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres. 2016. Disponível em: <[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/CARTILHA\\_DF.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/CARTILHA_DF.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2017

UNESCO. Declaração e Plano de Ação Integrado sobre a Educação para a Paz, os Direitos Humanos e a Democracia. 1995 Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001128/112874por.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

URIZA, Claudia Moreno. La prevención de la violencia contra las mujeres y las niñas en el contexto educativo. Panamá: ONU Mujeres, 2015.

WASELFSZ, J. Mapa da violência 2015 homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: ONU Brasil, 2015. Disponível em <[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)>. Acesso em: 06 nov. 2017.

# † REPORTAGEM

## Jovens Lado a Lado com a Fé: O Sínodo dos Jovens 2018

Presidido pelo Santo Papa e coordenado por pessoas convidadas por uma Secretária Geral, o Sínodo dos Jovens representa um importante encontro junto aos responsáveis pastorais das Igrejas pelo mundo. Realizado de quatro em quatro anos, ou quando convocado pelo Pontífice, o evento consiste numa busca coletiva por reflexões que possibilitem uma orientação para mudanças importantes e necessárias, para a humanidade.

Fomentando o debate acerca de pautas relevantes para os jovens, no mês de março de 2018, o Papa Francisco recebeu em Roma, jovens dos cinco continentes, entre eles 10 brasileiros, como forma de ouvir dos próprios jovens, suas perspectivas em relação à fé e ao discernimento vocacional, no Pré-Sínodo. Em 2018, a décima quinta Assembleia Geral Ordinária dos Bispos, Sínodo sobre os jovens, acontece entre os dias 3 e 28 de Outubro, sob o seguinte tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

### O PRÉ-SÍNODO

Em março, o encontro que antecede o Sínodo da Juventude, reuniu 300 pessoas dos cinco continentes. O Papa Francisco, que tem se mostrado bastante familiarizado com a juventude, afirmou na carta convite aos jovens para participação do encontro, que os jovens são referências aos apelos contemporâneos do mundo. “Fostes convidados porque o vosso contributo é indispensável: temos necessidade de vós para preparar o Sínodo que em outubro reunirá os bispos sobre o tema ‘Os jovens, a fé e o discernimento vocacional’”, destacou Francisco na carta.

Colocar os jovens à frente da preparação prévia de um evento tão importante para a Igreja Católica traz uma leitura sobre as reais necessidades da igreja quando são esses jovens que têm propriedade para falar sobre os anseios da juventude. É o que reforça o Padre Antonio Ramos do Prado, assessor nacional da Comissão Episcopal pastoral para a juventude da CNBB. “Sabemos que os jovens são as pessoas mais importantes para fazer uma leitura do tempo em que vivem. São eles que sofrem as consequências de um mundo que muda rapidamente. Também é verdade que há muitos benefícios que favorecem o crescimento e desenvolvimentos dessa massa. Dar destaque aos jovens nesse momento acontece pois a Igreja em saída depende muito da coragem da juventude”, afirma o Padre.

Representando o Brasil no encontro de março, dez jovens foram enviados ao encontro do Santo Papa. Entre eles, responsáveis por movimentos juvenis, pastorais, congregações e também um jovem seminarista. Todos eles, junto aos demais jovens de todo o mundo, produziram um documento que foi entregue ao Papa Francisco na ocasião.

“Nunca tinha me deparado com a fraternidade e unidade construída nestes dias de Pré-Sínodo. O empenho de todos os jovens nas mais diversas denominações e crenças, trabalhando juntos em comunhão pelo bem foi extraordinário”, ressalta Ariany de Oliveira Leite, estudante de 29 anos, que foi uma das representantes do Brasil na celebração pré-sinodal.

Para ela, que é da cidade de Trindade no Goiás, a temática deste Sínodo destaca a importância do jovem ser protagonista na evangelização. Além disso, Ariany acredita que este é um período onde a juventude perde a esperança, logo a conversa promovida pelo Papa é um convite para uma nova fase na Igreja Católica.

### O DOCUMENTO

Como base para o debate que será promovido em Outubro entre os bispos no Vaticano, o documento elaborado pelos jovens participantes do Pré-Sínodo, traz como foco principal a autenticidade da igreja e de que forma é possível transformar esse ambiente em uma



comunidade transparente, honesta, convidativa, comunicadora, acessível, alegre e interativa.

Dividido em três partes, o documento conta com os seguintes capítulos: a fé e a vocação, discernimento e acompanhamento; ação educativa e pastoral da Igreja; os desafios e oportunidades dos jovens no mundo de hoje. Entregue ao Papa no dia 25 de Março, a escritura abordou temas que vão além das pautas tradicionais da igreja e trouxe, por exemplo, feminicídio, *bullying* e *cyberbullying*, assim como criminalidade e violência.

Para Padre Antonio, tudo isso só foi possível devido a receptividade de Papa Francisco com os jovens. “No início da sessão do Pré-Sínodo, o Papa pediu para que os jovens ficassem à vontade e falassem sem medo. Esse clima familiar favoreceu para que os jovens pudessem também falar dos seus sonhos e medos, além de falarem o que eles esperam da Igreja. Dessa forma, todas as falas dos jovens foram acolhidas e serão levadas aos participantes do Sínodo em outubro”.

## O SÍNODO

Instituído pelo Papa Paulo VI em 15 de Setembro de 1965, o Sínodo dos Bispos é

definido como uma reunião promovida pela Igreja Católica, com a participação do episcopado. A escolha do tema a ser abordado é feita após um estudo detalhado pelo Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Porém, normalmente, a decisão é de responsabilidade do Papa.

Após definição do tema, é elaborado um documento que leva o nome de “lineamenta”, em que são apresentados os principais tópicos de debate que devem ser levantados pelos bispos. Após a realização do estudo das informações coletadas, o “instrumentum laboris” é redigido e servirá como base para a Assembleia Sinodal.

Para este ano, o debate acerca das necessidades dos jovens promete trazer uma nova perspectiva para a assembleia, assim como para a igreja católica em geral. “O Sínodo orientará a Igreja no mundo inteiro, apoiando os projetos de formação integral de jovens. Também iluminará os adultos para que desenvolva-se uma pedagogia capaz de atrair os jovens para Cristo. Vivemos em uma sociedade que não quer permitir que os jovens desenvolvam a capacidade de pensar e de serem protagonistas da história. Porém, a Igreja poderá contribuir com esse processo contrário, buscando a inclusão”, finaliza Padre Antonio.

# † ARTIGO

## O Papa Francisco e as Juventudes do Mundo: A Propósito do Sínodo sobre os Jovens



**Hilário Dick**

### RESUMO

A figura do Papa Francisco e sua relação com a juventude é o tema deste artigo. Apresentaremos de maneira sintética o Documento Preparatório do Sínodo sobre a juventude, por ele convocado, que ocorrerá em outubro de 2018. À luz deste documento preparatório, será destacado alguns aspectos dos vários pronunciamentos que o Papa já proferiu em diversos países do mundo ao se dirigir as juventudes. O Objetivo é ver mais de perto a “palavra” do Papa para a juventude, pensando no poder profético que ele carrega e a sua relação com a juventude. Não se trata de analisar as suas atitudes. A perspectiva é a palavra solta, viva, espontânea do Papa frente a diferentes concentrações de jovens.

.....  
Padre jesuíta, graduado em Filosofia, Letras e Teologia. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pastoralista, trabalha com jovens há mais de 45 anos. Assessorou os bispos do Brasil na evangelização da juventude. Ajudou a fundar o Instituto de Pastoral da Juventude em Porto Alegre onde coordenou por vários anos um Curso de Pós-Graduação em Juventude. Atualmente trabalha em Cursos de Encontros para jovens e adultos.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Numa cena, ao mesmo tempo sincera e hipócrita, pais e mães fizeram adolescentes provindos da Itália, Gâmbia, Nigéria, Costa do Marfim, Albânia e Paquistão encontrar-se com o Papa Francisco. Eles/as diziam: “Se os sete homens mais poderosos da terra não se comovem diante de uma criança que atravessa o mar para fugir da morte certa... o que será deste mundo? O que será de nós?” Os adolescentes também diziam: “Vivemos numa época difícil. Mostram-nos milhares de seres humanos em fuga de guerras, de fome e de pobreza. Nossos mares, que deveriam unir, dividem. Quem está melhor, quer estar melhor ainda; quem está pior, estende a mão para nós, e nós, deixamos cair estas mãos para ver os refugiados escorregar para o fundo do mar”.

O encontro destes adolescentes com o Papa realizou-se nalgum maio, não distante de nós, em Taormina, no sul da Itália, longe de Palermo e Catania, a segunda maior cidade da Sicília, com cerca de 400 mil habitantes, onde muitos africanos já perderam suas vidas porque não havia mãos para os segurar das ondas que queriam engoli-los. Foi aí que o Papa Francisco fez sua primeira peregrinação como Papa.

Para falar do Papa Francisco e Sínodo por ele convocado, poderíamos iniciar de outra forma, isto é, com a contemplação do abraço do Papa a meninos, meninas e jovens chorando de dor. Escolhemos esta cena porque tem muito sentido no assunto que queremos apresentar. Não houve Papa que não quisesse bem à juventude. De uma forma ou outra, todos os Papas marcaram presença no coração da juventude e – não há dúvida – a juventude bate também no coração do Papa Francisco.

Esta “presença” e benquerença se manifesta de diferentes maneiras: em discursos, declarações mais e menos “oficiais”, em atitudes,

gestos, modos de ser e de apresentar, mas, de modo especial em sua forma juvenil de encarar o estilo de vida de um simples “pastor” que não só pede corações com cheiro de terra, mas corações capazes de serem novos nas “velhices” que também atraem e que os meios de comunicação têm um sadismo estranho de socializar. Embora importante o que o Papa tenha escrito, valeria a pena olhá-lo pelo que fala, pela sua atuação, sua atração, sua empatia; valeria a pena contemplá-lo em seu “discurso” – que é mais do que palavra – que fez o Papa Francisco ser mais admirado por muitos e muitas. Aqui desejamos olhar mais de perto, na nossa pobreza, a “fala” do Papa Francisco para a juventude em seus muitos, intensos e extensos contatos com ela.

## 2. SÍNODO SOBRE A JUVENTUDE: DOCUMENTO PREPARATÓRIO

Tendo em vista a realidade complexa dos jovens e a preocupação explosiva do mundo juvenil, o Papa Francisco publicou, em 13 de janeiro de 2017, um documento preparatório para um Sínodo nunca havido na história da Igreja: o Sínodo dos Jovens, a ser realizado em outubro de 2018, onde a temática da juventude será central e única. Francisco, no seu desejo ansioso e vibrante de dizer algo, promoveu um mutirão de reflexões sobre “os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, atendo-se ao mundo religioso, da educação do jovem e do cuidado com a transmissão da fé.

Como inspiração para o percurso que começa, o documento oferece um ícone evangélico: o apóstolo João. Na leitura tradicional do quarto Evangelho ele é tanto a figura exemplar do jovem que decide seguir Jesus, como «o discípulo a quem Jesus amava» (Jo 13, 23; 19, 26; 21, 7). A figura de João pode ajudar-nos a compreender a experiência vocacional como um progressivo processo de discernimento interior e de amadurecimento da fé, que leva a descobrir a

alegria do amor e a vida em plenitude no dom de si e na participação no anúncio da Boa Notícia.

## 2.1 OS JOVENS NO MUNDO DE HOJE

O Documento preparatório propõe, uma reflexão subdividida em três passos. Começa delineando, resumidamente, algumas dinâmicas sociais e culturais do mundo em que os jovens crescem e tomam as suas decisões, para propor uma leitura de fé desta realidade. O Documento percorre, depois, as passagens fundamentais do processo de discernimento, o principal instrumento que a Igreja deseja oferecer aos jovens para descobrir a própria vocação, à luz da fé. Finalmente, salientam-se os pontos fundamentais de uma pastoral juvenil vocacional. Trata-se, pois, de uma espécie de mapa que incentiva uma procura pastoral e educativa cujos frutos estarão disponíveis no final do caminho sinodal. Não é um documento só para as juventudes, mas para a Igreja no seu todo.

## 2.2 UM MUNDO QUE SE TRANSFORMA RAPIDAMENTE

Além da questão demográfica, o primeiro aspecto que o Papa recorda é a velocidade dos processos de mudança e de transformação, a principal particularidade que caracteriza as sociedades e as culturas contemporâneas (Laudato si, n.18). A consequência que o documento aponta é o aumento da incerteza, refletindo-se sobre a condição de vulnerabilidade, ou seja, sobre a combinação entre o mal-estar social e a dificuldade econômica, e sobre as experiências de insegurança de amplas camadas da população, aspectos mais que econômicos, dando mais espaço ao dionisíaco.

A nível global, o mundo contemporâneo é marcado, igualmente, por uma cultura “cientificista”, muitas vezes dominada pela técnica

e pelas infinitas possibilidades que ela promete abrir, mas em cujo âmbito “parecem multiplicar-se as formas de tristeza e solidão das pessoas, incluindo muitos jovens”. Não se pode esquecer, a presença simultânea de diversas tradições religiosas (da cultura dionisíaca) representa um desafio e uma oportunidade, podendo aumentar a desorientação e a tentação do relativismo, mas, ao mesmo tempo, crescendo as possibilidades de confronto e de enriquecimento recíprocos.

## 2.3 AS NOVAS GERAÇÕES

Quem é jovem, hoje, vive numa condição diferente daquele da geração dos seus pais e dos seus educadores. Sob um certo ponto de vista, é verdade que, com a globalização, os jovens tendem a ser cada vez mais homogêneos em todas as partes do mundo, contudo, nos contextos locais, subsistem peculiaridades culturais e institucionais que têm repercussões fundamentais no processo de socialização e de construção da identidade dos jovens. Estudos realizados a nível internacional permitem identificar alguns traços característicos dos jovens do nosso tempo:

*Pertença e participação:* Os jovens não se sentem como uma categoria “desfavorecida”, nem como um grupo social a ser protegido; nem sequer aceitam serem destinatários passivos de programas pastorais ou de escolhas políticas impostas. Não poucos das juventudes desejam ser parte ativa dos processos de mudança do presente, como confirmam experiências de ativação e inovação onde os jovens são os protagonistas principais, embora não únicos. O jovem quer aparecer e fazer-se visível. É um direito que extrapola de seus limites.

*Pontos de referência pessoais e institucionais:* Os jovens sentem a necessidade de figuras de referência que sejam próximas, credíveis, coerentes e honestas, assim como a necessidade de lugares e de ocasiões para pôr à prova a capacidade de

se relacionar com os outros (tanto adultos como seus coetâneos) e para enfrentar as dinâmicas da afetividade. Além disso, os jovens gostariam que as instituições estivessem mais próximas deles e do povo e fossem mais atentas aos problemas sociais. Tudo isto se verifica num contexto em que a pertença confessional e a prática religiosa se tornam características de uma minoria, onde os jovens não se colocam «contra», mas aprendem a viver «sem» o Deus apresentado pelo Evangelho e «sem» a Igreja, confiando mais em formas de religiosidade e espiritualidade alternativas e pouco institucionalizadas, refugiando-se, por vezes, em seitas ou experiências religiosas.

*Rumo a uma geração demasiadamente conectada:* As gerações hodiernas se caracterizam pela relação fácil com as tecnologias da comunicação e com aquilo que, normalmente, é chamado de «mundo virtual», um fato que tem efeitos muito reais. O mundo virtual oferece possibilidades de acesso a uma série de oportunidades que as gerações precedentes não tiveram e, contudo, ao mesmo tempo, apresenta riscos. É de grande importância que se preste atenção ao modo como a experiência de relações tecnologicamente mediadas estrutura o conceito de mundo, da realidade e das relações interpessoais.

## 2.4 OS JOVENS E AS ESCOLHAS

No contexto de fluidez (= mundo líquido) e de precariedade, a transição para a vida adulta e a construção da identidade exigem, cada vez mais, um percurso «reflexivo». As pessoas são forçadas a readaptar os seus percursos de vida e a voltar a reapropriar-se, continuamente, das próprias escolhas. Além disso, juntamente com a cultura ocidental, difunde-se um conceito de liberdade entendida como possibilidade de ter acesso a oportunidades sempre novas. As antigas abordagens não funcionam mais e a experiência

transmitida pelas gerações precedentes torna-se rapidamente obsoleta. Tornam-se indispensáveis instrumentos culturais, sociais e espirituais adequados, a fim de que os mecanismos do processo decisório não se bloqueiem e que, talvez por medo de errar, não se acabem por se submeter à mudança, em vez de a orientar.

Na busca de percursos capazes de despertar a coragem e os impulsos do coração, não podemos deixar de ter em consideração que a pessoa de Jesus e a Boa Notícia por Ele proclamada continuam a fascinar muitos jovens. A capacidade que os jovens têm de escolher é impedida por dificuldades ligadas à condição de precariedade: a luta para encontrar um trabalho ou a falta dramática do mesmo; os obstáculos na construção de uma autonomia econômica; a impossibilidade de estabilizar o próprio percurso profissional.

## 2.5 PARA SER PROTAGONISTAS

A inovação social exprime um protagonismo positivo que inverte a condição das novas gerações: caminha-se de *perdedores* que pediam proteção contra os riscos da mudança, para *protagonistas da transformação*, capazes de criarem novas oportunidades. É significativo que os jovens – com frequência fechados no estereótipo da passividade e da inexperiência – proponham e pratiquem alternativas que mostram como o mundo ou a Igreja poderiam ser. Se quisermos que aconteça algo de novo na sociedade ou na comunidade cristã, devemos ajudar a criar espaços a fim de que pessoas mais jovens possam agir.

## 2.6 FÉ, DISCERNIMENTO E VOCAÇÃO

Através do Sínodo sobre a Juventude, a Igreja quer reiterar o seu desejo de encontrar, acompanhar e cuidar de cada jovem, sem exceção. “Não podemos nem queremos abandoná-los às formas de solidão e de exclusão às quais o

mundo os expõem.” Que a sua vida seja uma boa experiência, que não se percam ao longo de caminhos de violência ou de morte, que a desilusão não os aprisione na alienação: tudo isto não pode deixar de ser uma forte solicitude de quantos foram gerados para a vida e para a fé, conscientes de ter recebido um grande dom. Em virtude desta dádiva, sabemos que vir ao mundo significa encontrar a promessa de uma vida boa e que significa ser recebido e protegido numa experiência que inscreve, em cada um, a confiança de não ser abandonado à falta de sentido, nem à obscuridade da morte.

A fé é a fonte do discernimento vocacional e oferece os seus conteúdos fundamentais, as suas articulações específicas, o seu estilo singular e a pedagogia que lhe é própria. Receber este dom da graça com alegria e disponibilidade requer que ele se torne fecundo através de escolhas de vida concretas e coerentes. «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi e vos constituí para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça. Foi assim que vos constituí, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, Ele vo-lo concederá. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros» (Jo 15, 16-17). Se a vocação à alegria do amor é o apelo fundamental que Deus inscreve no coração de cada jovem, a fim de que a sua experiência possa dar fruto, a fé é um dom do alto e, ao mesmo tempo, uma resposta ao sentir-se escolhido e amado.

## 2.6.2 O DOM DO DISCERNIMENTO

Tomar decisões e orientar as ações pessoais em situações de incertezas e de impulsos interiores contrastantes é o espaço do exercício do discernimento, um termo clássico da tradição da Igreja, que se aplica a uma pluralidade de situações. Com efeito, existe um discernimento dos sinais dos tempos, que

aposta no reconhecimento da presença e da ação do Espírito na história; um discernimento moral, que distingue o que é bom daquilo que é mau; um discernimento espiritual, que se propõe reconhecer a tentação para a rejeitar e prosseguir pelo caminho da plenitude da vida. As tramas entre estas diferentes interpretações são evidentes e nunca se conseguem desatar completamente. O Espírito fala e age através dos acontecimentos da vida de cada um, mas os eventos, são mudos ou ambíguos, uma vez que podem ser interpretados de diferentes modos. Os três verbos com que ele é descrito podem ajudar-nos a delinear um itinerário adequado tanto para os indivíduos como para os grupos e as comunidades, conscientes de que na prática os limites entre as diversas fases nunca são tão claros:

*Reconhecer:* “Reconhecer” requer que se traga à tona nossa riqueza emocional e que se mencionem estas paixões, sem as julgar. Exige que se sinta o «gosto» que as paixões deixam, ou seja, a consonância ou dissonância entre o que experimento e aquilo que existe de mais profundo em mim. Nisso a Palavra de Deus reveste uma grande importância: meditá-la põe em movimento as paixões, assim como todas as experiências de contato com a própria interioridade, ao mesmo tempo oferece uma possibilidade de as fazer sobressair. A fase do reconhecimento coloca, no centro, a capacidade da escuta e da afetividade da pessoa, sem se subtrair por medo ao cansaço do silêncio. Trata-se de uma experiência fundamental no percurso de amadurecimento pessoal, de maneira particular para os jovens.

*Interpretar:* Não é suficiente reconhecer aquilo que experimentamos: é necessário «interpretá-lo» e compreendê-lo para onde o Espírito nos chama através daquilo que suscita em cada um. A fase de interpretação é muito delicada; exige paciência, vigilância e uma aprendizagem. Devemos ter a capacidade de estar cientes dos efeitos dos condicionamentos sociais

e psicológicos. Para interpretar os desejos e os impulsos interiores é necessário confrontar-se honestamente, à luz da Palavra de Deus, com as exigências morais da vida cristã, procurando inseri-las na situação concreta de vida.

*Escolher:* Uma vez reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e das paixões, o ato de decidir torna-se um exercício de autêntica liberdade humana e de responsabilidade pessoal, situadas e limitadas. A escolha subtrai-se à força cega dos instintos, aos quais certo relativismo contemporâneo acaba atribuindo o papel de critério último, aprisionando a pessoa na volubilidade. Ao mesmo tempo, liberta-se da sujeição a instâncias externas e, portanto, heterônomas, exigindo uma coerência de vida. A escolha não pode permanecer prisioneira numa interioridade que corre o risco de permanecer virtual ou irrealista – um perigo acentuado na cultura contemporânea – mas é chamada a traduzir-se em ação, a encarnar-se, a dar início a um percurso, aceitando o risco de se confrontar com a realidade posta em movimento pelos desejos e emoções.

### **2.6.3 CAMINHOS DA VOCAÇÃO DE DA MISSÃO**

O discernimento vocacional não se completa com um único ato, embora seja possível identificar momentos ou encontros decisivos. Como todas as realidades importantes da vida, o discernimento vocacional é um processo longo, durante o qual é preciso continuar a cuidar das indicações que o Senhor determina e especifica numa vocação, de forma pessoal e irrepetível. Até Maria progrediu na consciência da sua vocação através da meditação sobre as palavras que ouviu e sobre os eventos que lhe aconteceram, inclusive aqueles que Ela não compreendeu (cf. Lc 2, 50-51).

O tempo é fundamental para verificar a orientação efetiva da decisão tomada. Não existe

vocação que não seja ordenada para uma missão acolhida com temor ou com entusiasmo. Aceitar a missão implica na disponibilidade de arriscar a própria vida e percorrer o caminho da cruz, nos passos de Jesus que, com determinação, se pôs a caminho, rumo a Jerusalém (cf. Lc 9, 51), para entregar a sua vida pela humanidade.

### **2.6.4 O Acompanhamento**

Na base do discernimento podemos encontrar três convicções, bem arraigadas na experiência de cada ser humano, relidas à luz da fé e da tradição cristã. A primeira é que o Espírito de Deus age no coração de cada homem e de cada mulher, através de sentimentos e desejos que se vinculam a ideias, imagens e projetos. Ouvindo com atenção, o ser humano tem a possibilidade de interpretar estes sinais. A segunda convicção é que o coração humano, por causa da sua fragilidade e do seu pecado, se apresenta normalmente dividido porque atraído por apelos diversos ou até opostos entre si. A terceira convicção é que o percurso de vida obriga a decidir, porque não se pode permanecer infinitamente na indeterminação. Entre estes instrumentos de avaliação, a tradição espiritual põe em evidência a importância do acompanhamento pessoal.

## **3. A AÇÃO PASTORAL**

O que significa para a Igreja acompanhar os jovens e acolher a chamada para a alegria do Evangelho, sobretudo numa época marcada pela incerteza, precariedade e pela insegurança? Neste sentido, reconhecemos uma inclusão recíproca entre pastoral juvenil e pastoral vocacional, mas permanecemos conscientes das diferenças. Não se trata de uma visão exaustiva, mas de indicações para completar, tendo como base as experiências de cada uma das Igrejas locais.

### 3.1 CAMINHAR COM OS JOVENS

Acompanhar os jovens exige sair dos esquemas pré-fabricados, encontrando-os lá onde os acompanhados estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos; significa levá-los a sério na dificuldade que têm de decifrar a realidade em que vivem e de transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço cotidiano de construir a própria história e na busca de um sentido para as suas vidas. Três verbos, que nos Evangelhos conotam o modo de Jesus se encontrar com as pessoas do seu tempo, ajudam-nos a estruturar este estilo pastoral: sair, ver, chamar.

*Sair:* "Pastoral vocacional" significa aceitar o convite de sair daquelas formas de rigidez que tornam menos credível o anúncio da alegria do Evangelho; sair dos esquemas em que as pessoas se sentem catalogadas num modo de ser Igreja que, às vezes, resulta anacrônica. "Sair" é sinal de liberdade interior em relação a atividades e preocupações habituais, permitindo que os jovens sejam protagonistas.

*Ver:* Sair para o mundo dos jovens exige a disponibilidade de passar o tempo com eles, ouvir as suas histórias, as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias, para compartilhá-las com eles: este é o caminho para inculturar o Evangelho e evangelizar as culturas, inclusive a juvenil. Nisto consiste o olhar de cada pastor autêntico: ver nas profundezas do coração, sem ser inoportuno nem ameaçador.

*Chamar:* Nas narrativas evangélicas, o olhar de Jesus transforma-se numa chamada para uma novidade a ser acolhida, explorada e construída. "Chamar" quer dizer, em primeiro lugar, despertar o desejo e tirar as pessoas daquilo que as mantém bloqueadas, ou das comodidades nas quais elas se instalaram.

### 3.2 SUJEITOS DESTA AÇÃO PASTORAL

*Os sujeitos são todos os jovens, sem exclusão alguma:* Os jovens são sujeitos e não objetos. Na prática, eles são tratados pela sociedade, muitas vezes, como uma presença inútil ou importuna: a Igreja não pode reproduzir esta atitude, porque todos os jovens, sem exclusão alguma, têm o direito de serem acompanhados no seu caminho. Além disso, cada comunidade é chamada a prestar atenção, principalmente, aos jovens pobres, marginalizados e excluídos, e a torná-los protagonistas. Estar próximo dos jovens que vivem em situações de pobreza e dificuldade, violência e guerra, enfermidade, deficiência e sofrimento, é uma dádiva especial do Espírito, capaz de fazer resplandecer o estilo de uma Igreja em saída.

*Uma comunidade responsável:* Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável pela tarefa de educar as novas gerações. Devemos reconhecer, no entanto, que são muitas as figuras de cristãos que a assumem, a partir daqueles que se comprometem no seio da vida eclesial. É necessário valorizar as oportunidades de compromisso dos jovens nos organismos de participação das comunidades diocesanas e paroquiais, a começar pelos conselhos pastorais, convidando-os a oferecer a contribuição da sua criatividade, aceitando as suas ideias, até quando parecem provocadoras.

*As figuras de referência:* O papel de adultos fidedignos, com os quais se possa entrar em relação positiva, é fundamental em todo o percurso de amadurecimento humano e de discernimento vocacional. São necessários adultos autorizados, com clara identidade humana, com uma sólida pertença eclesial, uma visível qualidade espiritual, uma vigorosa paixão pela educação e uma profunda capacidade de discernimento.

*Pais e família:* Dentro de cada comunidade

cristã deve ser reconhecido o papel educativo insubstituível, desempenhado pelos pais e demais familiares. No seio da família, são os pais que expressam o cuidado de Deus por cada ser humano, no amor que os une entre si e aos seus próprios filhos.

*Professores e educadores/as:* Muitos professores católicos estão comprometidos como testemunhas nas Universidades e nas escolas de todos os níveis; no mundo do trabalho; muitos estão presentes com competência e paixão, na política; numerosos crentes procuram ser fermento para uma sociedade mais justa; no voluntariado civil, muitos se dedicam em prol do bem comum e do cuidado da criação; na animação do tempo livre e do desporto, são numerosos os que trabalham com entusiasmo e generosidade.

### 3.3 LUGARES

*A vida cotidiana e o compromisso social:* Tornar-se adulto significa aprender a gerir, autonomamente, dimensões da vida fundamentais e, ao mesmo tempo, cotidianas: a utilização do tempo e do dinheiro, o estilo de vida e de consumo, o estudo e o tempo livre, a roupa e a comida, a vida afetiva e a sexualidade. Esta aprendizagem que os jovens devem enfrentar, é uma ocasião para colocar em ordem a própria vida e as suas prioridades, experimentando momentos de escolha que podem tornar-se uma escola de discernimento e consolidar a orientação pessoal, tendo em vista decisões mais importantes: quanto mais autêntica for a fé, tanto mais interpelará a vida cotidiana e por ela se deixará interrogar. Merecem uma menção particular as experiências, muitas vezes difíceis ou problemáticas, da vida de trabalho ou relativas à falta de trabalho.

*Os âmbitos específicos da pastoral:* A

Igreja oferece aos jovens lugares específicos de encontro e de formação cultural, de educação e de evangelização, de celebração e de serviço, colocando-se em primeira linha uma hospitalidade aberta a todos e a cada um. Para estes lugares e para quantos os animam, o desafio consiste em proceder na lógica da construção de uma rede integrada de propostas, e em assumir, na própria maneira de agir, o estilo do sair, ver, chamar.

*O mundo digital:* Menção particular merece o mundo dos *new media*, que, para as jovens gerações, se tornou verdadeiramente um lugar de vida; oferecendo oportunidades inéditas, sobretudo no que diz respeito ao acesso à informação e à construção de vínculos à distância, sem deixar de apresentar alguns riscos.

### 3.4 INSTRUMENTOS

*As linguagens da pastoral:* Às vezes observamos que, entre a linguagem da Igreja e a dos jovens, se abre um espaço difícil de preencher, não obstante haja experiências de encontro fecundo entre a sensibilidade dos jovens e as propostas da Igreja nos âmbitos bíblico, litúrgico, artístico, catequético e dos meios de comunicação. Sonhamos com uma Igreja que saiba deixar espaços ao mundo juvenil e às suas linguagens, apreciando e valorizando a sua criatividade e os seus talentos.

*A atenção com a educação e com os percursos de evangelização:* Na ação pastoral com os jovens, descobrimos, antes de tudo, a importância do serviço em prol do crescimento humano de cada um e dos instrumentos pedagógicos e formativos que podem sustentá-lo. Entre a evangelização e a educação existe um vínculo fecundo que, na realidade contemporânea, deve ter em consideração a processualidade dos caminhos de amadurecimento da liberdade.

*Silêncio, contemplação, oração:* Finalmente,

não há discernimento sem cultivar a familiaridade com o Senhor e o diálogo com a sua Palavra. Numa sociedade cada vez mais barulhenta, que proporciona uma superabundância de estímulos, um objetivo fundamental da pastoral juvenil vocacional consiste em oferecer ocasiões para saborear o valor do silêncio e da contemplação, e formar para a nova leitura das experiências pessoais e para a escuta da própria consciência.

### 3.5 MARIA DE NAZARÉ

Maria, a jovem mulher de Nazaré, em cada etapa da sua existência, acolheu a Palavra e a conservou, «meditando-a no seu coração» (cf. Lc 2, 19). Foi a primeira que percorreu este caminho. Cada jovem pode descobrir, na vida de Maria, o estilo da escuta, a coragem da fé, a profundidade do discernimento e a dedicação ao serviço (cf. Lc 1, 39-45). Na sua «pequenez», a Virgem noiva de José experimenta a debilidade e a dificuldade de compreender a vontade misteriosa de Deus (cf. Lc 1, 34). Também ela é chamada a viver o êxodo de si mesma e dos seus projetos, aprendendo a entregar-se e a confiar. Fazendo memória das «maravilhas», a Virgem não se sente sozinha, mas plenamente amada e apoiada. Consciente de que Deus está com Ela, Maria abre o seu coração, inaugurando o caminho do Evangelho (cf. Lc 1, 38).

### 4. MANIFESTAÇÕES PEREGRINAS DE FRANCISCO PARA OS JOVENS

Os Papas que tiveram uma relação mais direta com as juventudes foram Pio XI (com a implantação da Ação Católica); João Paulo II, especialmente pela criação das Jornadas Mundiais da Juventude; Paulo VI como assessor da Ação Católica de Universitários italianos.

Maior simpatia e empatia, junto à juventude, contudo, teve João Paulo II. Apresentam-se – estes Papas – como orientadores espirituais, pedagogos e educadores. Encarnando a Igreja como “especialista em humanidade”, bom número de Papas e o Próprio Papa Francisco, apesar de seus poucos anos de papado, situam-se neste mapa. Mas o Papa Francisco deverá destacar-se como? Pela simpatia e pelo Sínodo que provocou sobre as juventudes? Nosso objetivo é perceber como o Papa Francisco “sente” a juventude e por isso falamos de “expressões peregrinas”, acompanhando-o - nesta segunda parte - em pronunciamentos, em diversos países, como verdadeiro peregrino. Talvez não sejam os melhores “discursos”, mas a sua diversidade de locais onde ele se expressou, tornam-se “discursos” de um pastor que olha para os seus rebanhos juvenis, na caminhada.

*No Brasil:* O Papa Francisco enviou várias cartas aos jovens brasileiros, mas, por ocasião do encerramento do “Projeto Rota 300”, em julho de 2015, considerado com uma grande festa no Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida, em S. Paulo, ele mandou outra. Assim escreve o Papa: [...] integrados nas vossas comunidades, não tenhais medo de se arriscar e de se comprometer na construção de uma nova sociedade, permeando com a força do Evangelho os ambientes sociais, políticos, econômicos e universitários! Não tenham medo de lutar contra a corrupção e não se deixem seduzir por ela! (PAPA FRANCISCO, 2017).

*Na Polônia:* No dia 30 de julho de 2016, durante a Jornada Mundial da Juventude na Polônia, nos arredores de Cracóvia, o Papa disse aos jovens que a vida não nos foi emprestada e não vivemos para vegetarmos comodamente no “sofá da vida”. “O tempo que estamos vivendo hoje não necessita de jovens-sofá, mas de jovens com sapatos; melhor ainda, com as chuteiras calçadas. O tempo que estamos vivendo só aceita jogadores titulares na quadra, não há espaço para

substitutos”, dizia Francisco. 87% da população polonesa é católica, mas ali estavam não só jovens poloneses. O papa criticou os jovens sedentários, os que passam horas e horas do dia deitados no sofá diante da televisão. Francisco se referiu a isso, como resposta à história narrada, no palco, por um menino viciado em drogas. Disse o Papa que há os que “confundem felicidade com um sofá”, isto é, que passam horas na frente do computador, “boquiabertos”, vivendo o que ele chamou de “sofá de felicidade”.

*República Centro-Africana:* No dia 30 de novembro de 2015, Francisco esteve em Bangui, a maior cidade daquela região africana localizando-se no sudoeste do país. Francisco animou os jovens a serem como a bananeira, porque ela sempre dá vida e, sobretudo, porque ela tem o dom da resistência, uma virtude necessária ante a complicada situação que sofre o país, considerado uma zona de guerra. Na Catedral de Bangui, após escutar um jovem que representava os jovens reunidos para a vigília presidida pelo Papa, ele insistiu no “símbolo da bananeira a fim de representar a diversidade da juventude centro-africana” (...). Francisco afirmou que esta árvore necessita de boas raízes e de ser bem conservada porque ela morre logo depois que seus frutos amadureceram e depois de se reproduzirem”. [...]“Peço-vos, de modo particular, que manifesteis uma autêntica preocupação com as necessidades dos pobres, as aspirações dos jovens e uma distribuição justa dos recursos naturais e humanos com que o Criador abençoou o vosso país. Garanto-vos a prossecução dos esforços da comunidade católica, através das suas obras educacionais e caritativas, procurando oferecer a sua contribuição específica nestas áreas”.

*Em Mianmar-Birmânia:* Mianmar tem cerca de 52 milhões de habitantes. Francisco dedicou

aos jovens seu último compromisso com a missa celebrada na Catedral Santa Maria, em Yangun ao sul de Mianmar. A mensagem foi de encorajamento à futura geração. Disse o Papa: “Vocês são uma boa-nova, porque são sinais concretos da fé da Igreja em Jesus Cristo, que nos traz uma alegria e uma esperança que jamais terão fim”, disse o Papa em italiano, intercalando a homilia com a tradução em birmanês. A referência à pobreza é uma das mais fortes, em todas estas “caminhadas” de Francisco: “Mas é possível falar de boas-novas quando tanta injustiça, pobreza e miséria estende a sua sombra sobre nós e o nosso mundo?” Questionou Francisco. “Contudo, gostaria que deste lugar partisse uma mensagem muito clara. Gostaria que as pessoas soubessem que vocês não têm medo de acreditar na boa-nova da misericórdia de Deus, porque essa boa-nova tem um nome e um rosto: Jesus Cristo”. Francisco pediu que os jovens fossem mensageiros desta boa-nova a todos que precisam de suas orações, solidariedade e paixão pelos direitos humanos, pela justiça e pelo crescimento daquilo que Jesus dá: amor e paz. Comentando a primeira leitura, em que São Paulo formula perguntas sobre o anúncio da Boa-Nova, o Papa disse que - como “avô” - gostaria de apontar aos jovens o caminho para serem mensageiros de Cristo. Antes de tudo, que falem com Deus na oração, compartilhando com Ele os medos e as preocupações, os sonhos e as esperanças”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à juventude, o Papa Francisco é mais pastor que profeta; não falamos do Francisco na sua generalidade, mas do Francisco relacionando-se com a juventude, menos com palavras do que com seus gestos. O seu profetismo está mais na sua convocação para o Sínodo sobre a Juventude do que no discurso que aí aparece. Não negamos a força midiática dos gestos, dos

silêncios, do seu agir e do seu falar; queremos ater-nos ao que Francisco falou em palavras, exclamações, discursos, sermões. Mais do que apolíneo, Francisco – no seu jeito de ser e mostrar-se, Francisco é dionisíaco. Pense-se, neste sentido, no significado que tem para Francisco sua postura frente à ecologia. Podem ser “mitos” tanto os pastores como os profetas, mas Francisco é um profeta dionisíaco.

Se João Paulo II e Ratzinger eram mais da ortodoxia, da defesa, de certo autoritarismo, Francisco é mais um desviante, que encontra veredas novas, que se dá mais liberdade e mede menos as palavras. Neste sentido, temos um Francisco do Sínodo da Juventude, mas cuidadoso, mais clerical, preferindo falar em “vocação” (religiosa) e não em “projeto de vida”; mais em “escolha” do que em “sentido”. Por que Francisco não falou mais da questão da afetividade”, do “gênero” problemas não só muito importantes para as juventudes mas para o tempo que a juventude vive. Não negamos a presença do senso de justiça, mas um dos momentos mais fortes se deu na Polônia dizendo para os jovens que deixem de ficar ditados nos sofás deixando trem passar. Outra “expressão” temos quando, nas Filipinas, pela morte de Anastásia, fala da necessidade de chorar. Um termo que encontra para a juventude africana é “recurso”. Palavras que tem vigor especial em Francisco são “esperança”, “encanto de sonhar”, “alegria”, “choro” e “amizade” comparadas com “justiça”, “resistência”, “luta” e “compromisso social”, não podendo esquecer a forma como ele fala, para os africanos” do significado da bananeira.

---

## REFERÊNCIAS

IGREJA CATÓLICA. Sínodo da juventude 2018 – texto preparatório. Disponível em: <<https://spirandiopadre.wordpress.com/sinodo-da-juventude-2018-texto-preparatorio/>> . Acesso em: 08 de abril, 2018.

PAPA PAULO VI. Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos jovens, 1965. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651208\\_epilogo-concilio-giovani.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html)> Acesso em: 08 abril, 2018.

PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o encontro Nacional dos Jovens reunidos no Santuário Nacional de Aparecida. Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170703\\_messaggio-giovani-brasiliani.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170703_messaggio-giovani-brasiliani.html)>. Acesso em: 04 de abril, 2018.

PAPA FRANCISCO. Discursos do Papa na JMJ 2016 – Polónia. Disponível em: <<http://opusdei.org/pt-pt/article/discursos-do-papa-na-jmj-2016-polonia/>>. Acesso em 05 março 2017.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica LAUDATO SI sobre o cuidado da casa comum. Libreria Editrice Vaticana. Roma, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.pdf](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.pdf)> . Acesso em: 06 de abril, 2018.

PAPA FRANCISCO. Jubileu extraordinário da Misericórdia. Homilia do Papa Francisco. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco\\_20160403\\_omelia-giubileo-divina-misericordia.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160403_omelia-giubileo-divina-misericordia.html)> . Acesso em: Acesso em: 06 de abril, 2018.

PAPA FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional da Pastoral Vocacional promovido pela Congregação para o Clero. Libreria Editrice Vaticana: 21 de outubro de 2016. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco\\_20161021\\_pastorale-vocazionale.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161021_pastorale-vocazionale.html)>. Acesso em: 12 abr. 2018.

# † ARTIGO

## Os Livros Interativos (livros jogos) como Alternativa para Superar a Violência



Edilaine Vieira Lopes

### RESUMO

O presente relato de experiências narra a realização de um projeto de incentivo à leitura por meio da cooperação, com 5º e 6º anos em uma escola comunitária, no estado do Rio Grande do Sul. Em 2016, meu desafio no Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo, era despertar nos estudantes o gosto pelos estudos; devia ensiná-los a estudar, a pesquisar, a querer aprender. Realizei essa mediação por meio da leitura, com base nas orientações do nosso Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP). Percebi que o maior ensinamento de uma escola cristã era aplicar o Evangelho e fazer o que Cristo fez: cooperar, partilhar. O trabalho iniciou nas minhas disciplinas, em Língua Portuguesa e Informática. Com base na interação dos alunos nos jogos virtuais, percebi que as diretrizes do Papa Francisco, da ANEC e da Nasa, ambas recomendadas para a educação atual, estão certíssimas: precisamos orientar os alunos a trabalharem em equipe. A cooperarem. Em meio a um mundo tão competitivo, o melhor modo foi usar os livros interativos, também conhecidos como livros-jogos, como estratégia que poderia auxiliar esses jovens a superarem a violência. Entre 2016, 2017 e atualmente, em 2018, o projeto seguiu, com a consultoria de um autor local, o escritor Athos Beuren, que também colaborou com este texto.

### PALAVRAS-CHAVE

Leitura Interativa; Jogos de Leitura; Superação da Violência.

.....

Graduada em Letras pela Universidade Feevale; pós-graduada em Tecnologias e Educação a Distância pela Universidade Castelo Branco; mestre em Educação pela Unilasalle; doutora em Letras pela UCS/Uniritter- Laureate International Universities. É professora na Educação Básica em Novo Hamburgo. Foi premiada em duas edições do Concurso Nacional de Redações para Professores da Academia Brasileira de Letras. Suas publicações mais recentes são "Será tão difícil escrever?" (Editora Appris, 2014) e "A leitura do jornal na sala de aula" (2015). Participa de antologias literárias. Membro da ALVALES (Academia Literária do Vale do Rio dos Sinos). Tem experiência na área de Letras, e, projetos educacionais de leitura e interação, como RPG, Escrita Criativa e presta consultoria/ editoria para autores. Atua nos seguintes temas: literatura, escrita, autoria, leitura, gêneros discursivos e ensino. E-mail: edilaine.nh@gmail.com

---

Em 2016, realizou-se um projeto de incentivo à leitura por meio da cooperação. O desafio foi despertar nos estudantes do 5º e 6º anos o gosto pelos estudos. Devia ensiná-los a estudar, a pesquisar, a querer aprender. Realizei essa mediação em uma escola comunitária, no estado do Rio Grande do Sul, no Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo, por meio da leitura, com base nas orientações do nosso Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP). Percebi que o maior ensinamento de uma escola cristã era aplicar o Evangelho e fazer o que Cristo fez: cooperar, partilhar.

Ao falarmos em PPPP, precisamos entender que a mantenedora do Colégio Santa Catarina (a ACSC) baseia-se nas padroeiras e em seus ensinamentos e que, por isso, a Pastoral ocupa lugar de destaque. Com o exemplo de Santa Catarina, nossa padroeira, e de Madre Regina, com seu Carisma (termo usado para determinar seu exemplo, a partir de sua frase “Como Deus Quer...”, já que era uma menina bonita, rica e que aceitou deixar a boa vida que tinha para dedicar-se aos pobres e enfermos), descobri que minha ajuda poderia ir muito além das minhas disciplinas, em Língua Portuguesa e Informática, mas deveria servir como exemplo para a vida, para os momentos fora da sala de aula. Com base na interação dos alunos nos jogos virtuais, percebi que as diretrizes do Papa Francisco, da ANEC e da Nasa, ambas recomendadas para a educação atual, estão certíssimas: precisamos orientar os alunos a trabalharem em equipe. A cooperarem. Mas como fazer isso em meio a um mundo tão competitivo?

O Papa aborda em seus textos de reflexão a importância da ética e o cuidado com as ideologias. A ANEC sempre propõe círculos de debate acerca da necessidade de educarmos para a solidariedade, para o trabalho partilhado e colaborativo. A NASA orienta seus astronautas e os projetos educacionais desenvolvidos em parceria com

os seus cientistas a pensarem sempre no outro e darem prioridade ao próximo, à equipe, ao pensar junto. Novamente a ética e, junto com ela, a estética.

Foi então que eu entendi o recado: eu também, como professora, precisava aprender, buscar, cooperar. Busquei o nosso PPPP e a ajuda de colegas professores, pedagogos e amigos escritores. Então optei pela estratégia dos livros interativos, também conhecidos como livros-jogos. Você deve estar se perguntando: de que forma os livros poderiam auxiliar esses jovens a superarem a violência? A resposta é que tais obras fomentam as discussões acerca do tema da Campanha da Fraternidade 2018, uma vez que permitem que o leitor assumo o papel do personagem principal da história.

Assim, cada “jogador” torna-se parte do que é narrado como um protagonista ativo que decide suas próprias ações. Ele vive e escolhe quais caminhos quer seguir e que desafios deve enfrentar. Porém, e aqui está o diferencial, ele faz isso coletivamente, junto, em equipe. E por isso é Pastoral! Há o embate, o encontro com o próximo, há o outro. Trata-se de um jogo literário, um videogame de palavras que, através da imaginação, insere as juventudes em um fantástico mundo de aventuras no qual o leitor é o herói.

Herói por acreditar no outro, por respeitar o próximo, incentivar o coletivo, com base em teóricos como Bakhtin, Bachelard, Bauman e Bauman. Todos abordam a mesma temática, o embate dialógico entre o eu e o outro. Não precisamos citar nenhum outro teórico quando mencionamos Pastoral. Basta lembramos dos exemplos de Jesus.

Tendo o fator lúdico como catalisador para despertar o interesse dos alunos, ensinar se torna mais fácil e eficaz; aprender se torna mais divertido e instigante. É sabido que informações adquiridas são mais facilmente lembradas e melhor aprendidas quando estão ligadas a uma emoção. Decifrar enigmas, solucionar labirintos e calcular as chan-

ces de sucesso em suas ações ou durante o combate contra adversários imaginários são algumas das mecânicas que fazem desta proposta um verdadeiro sinônimo de “aprender brincando”, e aprender junto! Em equipe.

Esta marcante abordagem literária pode ser uma aliada pedagógica para ensinar sobre qualquer coisa – de matemática à filosofia e, acima de tudo, para superar casos de violência, como discussões, brigas e disputas. Inicialmente, este projeto abordaria a literatura pela fruição, pelo devir, pelo prazer, como forma de combater todo e qualquer ato violento em sala. Para a nossa sorte, perto do colégio vive o Athos Beuren. Ele foi o primeiro e o mais jovem autor nacional de livros-jogos. Teve seu trabalho inaugural publicado aos 10 anos de idade, apoiado pelo diretor da escola em que estudava.

Aproximar o jovem e premiado escritor dos meus alunos foi necessário devido à trajetória do autor, que iniciou a escrita quando ainda era aluno. Em sua fala, ele ensina com propriedade aos educandos e dá dicas sobre como melhorar sua escritura e sua leitura, já que os livros do Athos são sucesso entre o público infanto-juvenil e bem aceitos por pais e professores. Mas não estamos, aqui, fazendo propaganda do autor, tampouco das suas obras, porém do uso da mecânica, da didática aplicada para superar as dificuldades de convivência que eu encontrava em determinadas turmas.

Assim, o projeto surgiu do interesse dos estudantes da turma pela leitura e da necessidade demonstrada pelos estudantes em realizar leituras coletivas e compartilhar sua escrita criativa com os demais estudantes da escola. Graças a isso, ao longo do trabalho a identificação com o escritor tornou os sonhos da juventude palpáveis e a quebra de paradigmas inevitável: Athos publicou aos 10 anos (exatamente a mesma faixa

etária dos meus alunos) um livro que nasceu em sala de aula, provando que qualquer idade pode ser palco de muitas realizações. E o melhor: com ajuda, com cooperação!

Com o projeto, conectamos a possibilidade de produzir discursos à interface coletiva, a exemplo das obras interativas que têm como base o RPG (Role Playing Game) que é, portanto, um jogo colaborativo para não só contar, mas viver as histórias com os amigos. As aventuras, criadas através da imaginação de cada um, são orientadas por integrantes do grupo. Os livros interativos são hoje uma ferramenta certificada pelo MEC (Ministério da Educação) para uso em sala de aula e um dos poucos jogos recomendados pela NASA como atividade recreativa aos astronautas, por não promover a disputa, a competição, o “ou ganha ou perde”. Pelo contrário: incentivar a leitura e a cooperação!

Qualquer pessoa pode jogá-los, ou seja, qualquer um pode ler livros-jogo e produzir histórias que visem à experiência coletiva, mediante a tomada de decisões, por meio da interação, da alteridade. Sua prática dialógica proporciona crescimento cultural, estimula a resolução de problemas, a criatividade, a liderança e o trabalho em equipe, provando que ler e escrever pode ser, sim, uma aventura! Compreende-se que o processo da leitura em ambientes formais de educação na Educação Básica permite uma construção cultural que representa, produz sentidos e estrutura a identidade do sujeito com base em padrões socio-históricos.

Tal pressuposto se situa no campo de estudos dos processos de produção de efeitos de sentido que levam em conta o sujeito produtor de discursos. Logo, este projeto era necessário porque era útil ao estreitar a relação discursiva com o próximo, caracterizando a enunciação por sustentar a prática social inter-humana, comum ao exercício da linguagem, e incitar ações práticas que trouxessem melhorias efetivas aos alunos, como o fortale-

cimento das relações de amizade e de respeito na turma; o aumento da concentração; a ampliação do foco/ato de ler, compreender, interpretar e resolver problemas; a evolução da produção escrita (em quantidade e, principalmente, em qualidade); e, conseqüentemente, o desenvolvimento do gosto pela leitura, como hábito, para melhoria na qualidade de vida dos educandos e professores em seu cotidiano, no dia a dia da comunidade escolar.

Meus objetivos eram despertar nos educandos a paixão pelo estudo, pela pesquisa e pela leitura, por meio da interação e da cooperação entre os alunos, com vistas a melhorar a socialização e reforçar a importância da literatura na educação e no desenvolvimento do raciocínio lógico, a fim de expandir perspectivas e possibilidades, encorajando o pensamento crítico e promovendo o diálogo por meio da alteridade entre os jovens.

Só assim eu poderia mediar ambientes próprios à aprendizagem e situar os educandos como protagonistas do processo, para poder desenvolver competências e habilidades específicas inseridas em eixos temáticos como produção, compreensão e expressão oral (expressão e produção oral com sentido). Compreensão, interpretação da leitura e produção escrita. Análise, reflexão e uso adequado da Língua. Leitura proficiente (importância e desenvolvimento do hábito de ler).

O projeto iniciou no 1º semestre letivo de 2016 (parte teórica e prática: leitura interativa e coletiva); continuou no 2º semestre de 2016 com o compartilhamento das leituras e desenvolvimento da competência oral (com a vinda do escritor Athos Beuren em nossa mostra literária: materialização do autor e menção do livro não como produto, mas como elemento mágico, produtor de *histórias outras*, com autoria). Em 2017, como

continuei lecionando à mesma turma de 5ºano, agora no 6º, a pedido deles, no 1º semestre retomamos a leitura interativa/partilha oral e iniciamos as oficinas de Escrita Criativa com a produção de livros, histórias em slides, em duplas, trios, grupos e individualmente. Para o 2º semestre de 2017, houve oficinas e circuitos de leituras, nos quais os alunos fizeram a socialização dos seus textos com outras turmas, durante os recreios e em momentos semanais na biblioteca, além de propagarem o projeto com a comunidade escolar por meio da divulgação aos colaboradores nos setores da escola e via site/blog/Face e demais redes sociais.

Queríamos mediar a aprendizagem de modo interessante, pedagógico, desafiador. Minha ideia era adentrar nesse breu que alguns consideraram o 5º ano, tentando auxiliar meus alunos a (re) descobrirem o gosto pela leitura. Situação inicial: turmas agitadas, com vários meninos afirmando em alto e bom tom: “Professora, eu não gosto de ler, muito menos de escrever. Gosto mais de ficar nas redes sociais, nos jogos, no computador, no videogame e no celular”. Eis que fui conhecendo minhas turmas, meus alunos, como sujeitos, pessoas dotadas de histórias, e fui descobrindo que eram seres encantadores, desafiadores, sim, mas criativos. Interessados, mas com atenção seletiva. Fomos nos aproximando e fui descobrindo que não era das redes sociais que gostavam, era da interação que elas proporcionavam. Não era o celular que curtiam, era a possibilidade de ir além do papel e usar outras tecnologias. Não era o videogame como aparelho, por si só, que admiravam, era o fator “aqui podemos usar o corpo para aprender”. Mas em casa (ou no celular) estavam sozinhos, porém conectados, juntos! Era este o segredo: uni-los, porém presencialmente.

Depois de pensar nas melhores abordagens e planejar os momentos certos, nasceram os debates, as aulas de Escrita Criativa (que agora mudou de nome e não é mais a Hora do Conto, como anti-

gamente). Nem sempre isso ocorria na biblioteca, mas às vezes íamos em outros espaços como o pátio, em meio à natureza, ou na informática (sim, junto aos computadores, área que os discentes dominam e não nós, já que são nativos digitais). O primeiro passo foi dado por eles: me deram sinais sobre seus interesses. Depois, a partir disso, pude explorar melhor o gênero, debater com eles sobre a história dos livros-jogo e incluir na pauta um nome que descobrimos em nossa cidade, já que aqui mora um dos primeiros autores de livros interativos do Brasil (e que ainda escreve, tem lançamentos). Depois de explorar tudo isso nas aulas, de modo mediado, no ambiente formal de aprendizagem que é a sala de aula, convidamos o autor Athos Beuren, que veio até a nossa escola durante a nossa Feira do Livro, forneceu livros e os autografou, mas, acima disso, leu conosco, leu para nós e, aí vem o seu diferencial: adaptou-se à realidade local. Criou novas histórias, ali, ao vivo. Coisas que só quem realmente lê, que é leitor, sabe fazer, e faz com maestria. Como? Usando os alunos como “peças”, como personagens. Escolhendo voluntários e dando a eles as opções, que só eram decididas após uma conversa com os grupos, por meio da interação, do diálogo, da alteridade.

Essa experiência pode ser replicada por outros professores que vivem realidades similares, afinal, estamos cercados pela violência, diariamente, dentro e fora das salas. Para que essa replicação aconteça, é preciso haver diálogo entre professor e alunos, mediação da leitura e novos espaços para construções de sentidos por meio da oralidade e, conseqüentemente, da escritura. As possíveis dificuldades numa eventual replicação seriam o preconceito que os RPGs (ou melhor, os livros jogos) enfrentam perante os professores, familiares e até alunos, por falta de conhecimento ou pelo ineditismo da proposta, também por haver poucos autores no país que publiquem e incentivem esse gênero.

Os professores que se inspirarem nessa prática poderão esperar bons momentos coletivos de construção, de troca, de partilha e uma rica oportunidade de dar vida às aulas, não só de língua portuguesa, permitindo que os alunos vivenciem novas histórias em grupo, sem estarem necessariamente conectados à tecnologia comum

aos nativos digitais que aí estão nessas gerações. Com relação ao aprendizado dos alunos, vê-se uma melhora na autoestima, ampliação da participação, aprimoramento do vocabulário, aumento da quantidade de livros lidos, melhoria na qualidade de leitura e de escrita e, conseqüentemente, a diminuição da violência. Apesar da queda acentuada dos índices violentos entre os jovens, sabemos que trabalhar em uma escola na perspectiva da Pastoral é isso mesmo: reinventar-se todos os dias, seguindo e reafirmando (muitas vezes falando mil vezes a mesma coisa) que somos todos irmãos e que precisamos amar uns aos outros, como Ele nos amou. Este amor começa com a primeira regra coletiva para qualquer grupo: saber respeitar, ou seja, saber conviver.

Infelizmente, não há um passo a passo quando se promove leitura, ainda mais em projetos que abordam o outro, por meio da filosofia e dos valores cristãos presentes na Educação em Pastoral. Educar sempre foi, é e sempre será um permanente desafio, mas acima disso basta aplicar os preceitos de Jesus, fé, amor e paciência, conhecendo e ouvindo o seu público, que os frutos vem surgindo. Devagar, mas surgem...

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BEUREN, Athos. *O inimigo digital: uma aventura ambientada no universo Minecraft*. Novo Hamburgo: Jambô, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. In: *Educação e realidade*, v.29, n.1, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo*. Editora MANOLE, 2005.
- PRENSKY, Marc. *Não me atrapahe, mãe – Eu estou aprendendo!* São Paulo: Phorte, 2010.
- <http://www.cnbb.org.br/>
- <https://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>
- <http://anec.org.br/blog/2018/02/02/vaticano-papa-alerta-para-bullying-nas-escolas-e-propoe-fim-de-cultura-de-competicao/>
- <https://www.nasa.gov/>



**A presença profética das pessoas com deficiência no atual contexto cultural: questões antropológicas, éticas e sociais**

*Cláudio Vicente Immig*

.....

**SINOPSE**

Pela sua amplitude uma tese de teologia moral sobre as pessoas com deficiência exige que alguns temas da moral, já tratados em outros trabalhos, sejam retomados por sua relevância, mas torna-se impossível tratá-los de modo completo e abrangente. A presente obra colocará o foco central na presença profética das pessoas com deficiência, sem ter como elemento condutor a pessoa com deficiência enquanto obrigatoriamente agente moral, mas colocando a ênfase nos apelos que brotam desta presença humana concreta que não permite a indiferença diante da sua condição de deficiência, mas que reivindica o reconhecimento ético-moral da sua dignidade intrínseca no contexto da cultura hodierna. O tema também está delimitado pela distinção que se faz entre doença e deficiência, deixando claro que nem sempre a pessoa com uma deficiência está enferma, mas sobretudo distinguindo a deficiência mental da doença psíquica, deixando de focalizar os problemas que dizem respeito aos casos de psicopatologias.

# † PING-PONG

Nesta edição da Revista de Pastoral ANEC, realizamos uma entrevista com o Doutor em Comunicação sobre uso de tecnologias e o papel do jovem na evangelização.

**DOUTOR ÓSCAR, SABEMOS DE TODA A SUA EXPERIÊNCIA TRABALHANDO COM JOVENS HÁ ANOS. MAS ATUALMENTE, COMO ESTÁ ESSA RELAÇÃO, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO O USO DAS TECNOLOGIAS?**

Meu olhar está muito orientado desde os ‘cenários digitais’, onde transitam ou – melhor – *navegam* as juventudes. As novas gerações estão tatuadas pela cultura digital. Elas constroem novas cidadanias com suas pequenas e poderosas telas. Então, para os jovens o tempo de hoje não tem fronteiras espaço-temporais e oferece novos palcos para os protagonismos sociais. Porém, um dos paradoxos do consumismo e da liquidez da sociedade – segundo Bauman –, no contexto juvenil, mostra que eles são os maiores consumidores de tecnologia e, ao mesmo tempo, estão sendo consumidos por ela. Ou seja, experimentam o ‘poder’ da tecnologia, mas também são vulneráveis à ‘manipulação’ da *sociedade do espetáculo* preconizada por Guy Debord já nos anos 60.

Em outro ponto de vista, não podemos esquecer aos ‘náufragos’ do aréopago digital e, concretamente, aos jovens excluídos dos avanços tecnológicos. Neste campo, os educadores temos o imperativo de combater o ‘analfabetismo digital’ com sentido crítico. São tempos desafiantes para dialogar, criar pontes inter-generacionais e aproveitar as mediações tecnológicas para construir e percorrer caminhos de solidariedade e inovação conectados com a realidade.

**DENTRO DESTE ASSUNTO, COMO OS ATUAIS CENÁRIOS DIGITAIS FORAM CAPAZES DE RELACIONAR A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO PRÉ SÍNODO?**

Temos um fato muito revelador neste sentido. A maior parte do processo de participação dos jovens na próxima Assembleia Sinodal dos Bispos, foi encaminhada digitalmente. Mas também é importante ressaltar outro fato: O documento sínteses da reunião pré-sinodal realizada em Roma, em março deste ano, apresenta a relação com a tecnologia como um dos grandes desafios e das maiores oportunidades dos jovens no mundo atual. Fundamentalmente, a tecnologia apresenta duas faces justapostas. Para alguns jovens, tem melhorado suas relações humanas e fortalecido suas redes para crescer integralmente, mas para outros, são uma forma de dependência ou adição que empobrece o projeto de vida. Assim, ainda que as redes sociais facilitem a troca de informações, valores, ideais, experiências, ou interesses comuns, também podem gerar situações de obsessão, hiper-conexão e falácia na comunicação, trazendo as vezes, profundas dificuldades para uma verdadeira cultura do encontro ou criando realidades ilusórias que não respeitam a dignidade humana.

A busca de identidade dos jovens e do sentido da sua existência, traz para a Igreja o imperativo de aprofundar na compreensão dos meios digitais e formar com critérios humanísticos de discernimento. Esta é, propriamente, uma tarefa da pastoral educativa.

.....  
Óscar Elizalde é um educador, jornalista e Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em estudos e gestão do desenvolvimento (Unisalle, Bogotá), licenciado em educação com especialidade em ensino religioso (Unisalle, Bogotá). Atualmente coordena o portal [www.vidanuevadigital.com](http://www.vidanuevadigital.com) na Colômbia, onde também é professor-pesquisador e diretor de comunicação e marketing da Universidade La Salle, na Colômbia. Faz parte do grupo de pesquisa “Intersubjetividade e educação superior” e da equipe de coordenação latino-americana da rede Amerindia.

comunicação, Óscar A. Elizalde Prada



**O SENHOR FOI ENFÁTICO AO AFIRMAR QUE AS NOVAS GERAÇÕES ESTÃO ENRAIZADAS NA TECNOLOGIA E QUE É IMPOSSÍVEL SEPARAR UM DO OUTRO. NESTE PONTO, O SENHOR ACREDITA QUE O JOVEM TENHA PAPEL ATUANTE NA EVANGELIZAÇÃO DESTE SÉCULO?**

Sempre temos afirmado que “o jovem evangeliza ao jovem”. Provavelmente este tem sido um dos maiores acertos da pastoral da juventude latino-americana. Algumas iniciativas – como Jovens Conectados, no Brasil – tem demonstrado o salto qualitativo da evangelização na Internet e as implicações de evangelizar a cultura digital em todos os lugares (ubiquidade) e momentos (atemporalidade), simplesmente ao alcance de um *click* na laptop, na *tablet*, no *smartphone*, sem horários, aberto a todo mundo, todo o dia e todos os dias.

Os chamados ‘nativos digitais’ são, com certeza, a melhor prova das intuições do jesuíta Antonio Spadaro na sua obra *ciberteologia*, sobre a necessidade de refletir a inteligência da fé no tempo da rede, ainda mais quando constatamos os desenvolvimentos das redes sociais (Web 2.0) e da sociedade do conhecimento na rede (Web 3.0), sob o protagonismo do jovem na geração de conteúdos ou informações com propósitos missionários e evangelizadores. Diante destas realidades, acredito, sim, no papel das juventudes na criação de respostas e propostas, em formato digital, para uma evangelização “nova em seu ardor, em seus métodos e em suas expressões”, como foi sugerido pelos bispos latino-americanos em Santo Domingo há mais de duas décadas.

**COMO, PESSOAS MAIS VELHAS, PODEM ACOMPANHAR OS JOVENS NAS REDES NESSE PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO DE MASSA?**

A ambiência digital abriu uma inusitada dimensão para viver o Evangelho e, ao mesmo tempo, para evangelizar a cultura digital. Por isso, quando a fé se transmite em novos espaços digitais – que permanentemente evoluem ao ritmo incessante das tecnologias – também é preciso se perguntar como estamos comunicando a fé e, se fosse necessário, rever a pertinência e o sentido do acompanhamento aos jovens, de parte das pessoas mais velhas, “contribuindo com propostas e reflexões para que se constitua na sociedade uma postura crítica diante dos sistemas de informação”, como aponta o *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil da CNBB* (2014).

Ao reconhecer as possibilidades de solidariedade, da justiça e da fraternidade que oferece o cenário digital, os adultos estão chamados a criar espaços de encontro e diálogo com as juventudes em vista da evangelização. Porém, acompanhar nas redes não é simplesmente ocupar um lugar nas redes sociais (ter um ‘perfil’), ou permanecer *on-line*, conectados o tempo todo, adaptando, talvez, as práticas religiosas de sempre aos modernos formatos digitais. Trata-se, melhor, de propiciar novas experiências de comunhão e inclusão para revitalizar a vivência do Evangelho com criatividade e interatividade.

## AO SEU VER, QUAIS SÃO OS DILEMAS ATUAIS DA CULTURA DIGITAL?

Os grandes dilemas da cultura digital estão relacionados com as novas cosmovisões e antropologias que se alimentam da complexidade das tecnologias – sempre flexíveis, adaptáveis e evolutivas – e conduzem a novas relações com os outros, consigo mesmo, com o mundo e com a divindade.

Essencialmente, esta cultura – assim como as redes sociais – fundamentam-se na conectividade. Por isso, nos processos educativos e pastorais é preciso considerar algumas interpelações: quais são as condições que produzem conexões entre e com os jovens? Estar conectados é estar comunicados? A cultura digital facilita a vida em comunidade, a pastoral educativa e mesmo o acompanhamento? Está nos aproximando ou nos afastando? Nos faz mais irmãos ou nos faz indiferentes?

Além de isto, na missão educativa e evangelizadora, a cultura digital é essencial ou relativa? Constitutiva ou complementar? Meio ou finalidade? Com quais critérios estamos assumindo o 'planeta digital'? Como compaginar os processos formativos com a cultura digital? É necessário estabelecer limites? Finalmente que ganha e que perde a escola com a cultura digital? O que está acontecendo com os 'náufragos' excluídos da sociedade rede? Estes são alguns dilemas fundamentais para os educadores.

## QUAIS PRÁTICAS E ELEMENTOS FAVORECEM A CULTURA DO ENCONTRO E DA SOLIDARIEDADE DIGITAL?

Neste ponto, a centralidade da pessoa humana é uma das chaves assinaladas pelo papa Francisco, defensor da cultura do encontro e da solidariedade. Na *Evangelii Gaudium*, ele diz que “neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos” (EG, 87).

O próprio Papa, na *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, em 2014, levantou uma grande questão: “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas”.

Neste sentido, as práticas interativas no contexto digital, precisam da mediação da fraternidade, do respeito e do diálogo, para superar a tentação do individualismo e da autoreferencialidade e motivar ações marcadas pelo espírito colaborativo e solidário, para passar da conexão à comunhão, do santuário do conforto pessoal à primazia do bem comum.

## **O QUE PODE SER COLOCADO EM PRÁTICA DIGITALMENTE COMO FORMA DE ALCANÇAR CADA VEZ MAIS JOVENS PARA EVANGELIZAÇÃO?**

Acompanhar aos jovens na era digital é, com certeza, um dos caminhos mais necessários no tempo presente. Para isso, além de ‘saldar as brechas digitais’, precisamos mais mobilidade sem cair na superficialidade. Ou seja, mesmo num contexto marcado pelo imediato e efêmero, evangelizar requer conteúdo, profundidade e até pausas para escutar, compartilhar, discernir...

Também acho importante estar atentos às novas linguagens e simbologias dos jovens nos contextos digitais e, ao mesmo tempo, apostar pelas narrativas digitais (vídeos, imagens, séries, *flashmobs*...) como oportunidades para traduzir o Evangelho às juventudes que habitam a sociedade rede.

Finalmente, acredito no valor do ‘diferencial’ e ‘personalizado’. Precisamos quebrar esquemas e paradigmas para criar experiências de evangelização diferentes e adaptáveis às necessidades concretas dos jovens. Lembro, para citar um exemplo, de uma jovem colombiana na Jornada Mundial da Juventude de 2013, no Rio de Janeiro, que me falou sobre seu processo de preparação para a JMJ pelo Skype: “Todas as sextas-feiras eu e meus amigos de vários países nos encontrávamos para orar juntos e organizar atividades missionárias”.

## **DE QUE FORMA A CIEC CONTRIBUI JUNTO AS FILIADAS DA AMÉRICA LATINA, COMO POR EXEMPLO A ANEC, NO BRASIL?**

A CIEC é uma rede de redes, é a maior rede da escola católica na América Latina. Com a criação do Observatório Interamericano de Educação Católica, em janeiro deste ano, estão se abrindo novas janelas para o anúncio do Evangelho no contexto educativo, a partir de processos de pesquisa, reflexão, acompanhamento e capacitação para as lideranças e os pastoralistas.

Tanto a CIEC como a ANEC têm identificado estratégias para animar e estimular processos de qualificação, inovação e aprendizagem sobre as práticas evangelizadoras no tempo das redes. Os eventos formativos e os subsídios que são encaminhados periodicamente, fazem parte deste valioso serviço.

Com tudo, compartilhar as nossas práticas de evangelização na escola, para juntos aprender dos nossos acertos, erros e vazios, é uma das maiores riquezas da Igreja latino-americana, e é fonte de sucesso na missão que nos une. Por isso, sempre é pertinente manter e acrescentar tempos e espaços – também com ajuda das tecnologias e dos meios de comunicação – para nos encontrar e refletir sobre nossas práticas, pedagogias e didáticas para aproximar o Evangelho às novas gerações. É uma tarefa permanente.

## **PARA FINALIZAR, DEIXE UMA MENSAGEM PARA OS AGENTES DE PASTORAL QUE TRABALHAM DIRETAMENTE COM OS JOVENS?**

Contrário ao que poderia pensar-se, na evangelização da cultura digital é mais importante estar atentos às grandes perguntas dos jovens que navegam na Internet ou, pelo contrário, dos ‘náufragos’ da rede – *nativos digitais* uns, e *analfabetas digitais* outros –, antes do que oferecer respostas pragmáticas que daqui a pouco serão anacrônicas.

Desde o ponto de vista da missão evangelizadora, este olhar implica um *chip* pastoral diferente e, com certeza, um processo de ‘conversão pastoral’ para compreender a comunicação da fé no cenário digital como oportunidade para construir uma nova humanidade e dar passo a um ‘novo Pentecostes’, para que “a conexão seja acompanhada de um verdadeiro encontro”, como diz o papa Francisco.